

FOSTA

Revista de Arte e Pensamento
2ª Fase

ANNO I DEZEMBRO DE 1934 NUM. 5

Neste numero :

Poemas de: Gilka, Silveira Netto, Onestaldo de Pennafort, Murillo Mendes, Abgar Renault, Nunes Pereira .

Prosas de: Fernando Carneiro, Adelino Magalhães, Wellington Brandão, Andrade Muricy, Porfirio Soares Netto, José Muricy, Aluisio Rocha.

Referencias a: Leopoldo Ramos Gimenez, Jules Supervielle, Ilarie Voronca, Emiliano Pernetta, Itiberê da Cunha, Van Loon, Gagarin, Ismailowitch, Manoel Santiago, Julio Dantas, Georgina de Albuquerque, Noemi Coelho Bittencourt, Roberto Tavares, Sylvinha Marques.

ANNO I
NUMERO
CINCO

Festa

Revista de Arte e Pensamento
2ª Phase

RIO DE
JANEIRO
DEZEMBRO
1934

o poema inaugural

A' penna de Leopoldo Ramos Gimenez, o illustre poeta e pensador do Paraguay, devemos a traducção, que abaixo estampamos, do poema inaugural de *Festa*, publicado no primeiro numero da primeira phase desta revista, em Janeiro de 1927. Ainda hoje seguimos o roteiro nelle traçado. *Festa* continua a ser um encantado esforço de descobrimento: de descobrimento do sentido novo do Brasil, do Mundo, da Belleza.

E', por isso, com júbilo verdadeiro que reproduzimos, agora em outro idioma, interpretado por um espirito fraterno, o cantico de entusiasmo criador, com que iniciámos, no Brasil, toda uma corrente de esthesia e pensamento, -- hoje victoriosa, na sua afirmação totalista, até em grupos e collectividades que fingem ignorar nossa existencia.

F E S T A

*Nosotros tenemos una visión clara de esta hora.
Sabemos que es de tumulto y de incertidumbre.
Es de confusión de valores.
Y de victoria del arribismo.
Y de grandes amenazas para el hombre.*

*Pero sabemos también que no es ésta la primera hora
de inquietud y de agonía que vive la humanidad.*

*La humanidad danza su danza eterna en un viejo ritmo
en dos tiempos.*

*Cuando todas las fuerzas interiores se equilibran, los
gestos son luminosamente serenos.*

*Y... lo que e esos gestos parecia un esplendor su-
premo de belleza,
o de verdad,
no era sino un efimero momento.*

*Es cuando salen a flor, de las las profundidades del ser
impetus bruscos e imprevistos,
que traen la insatisfacción,
la angustia
la fiebre,
y quiebran los compases armoniosos,
y hacen pensar, a los que se olvidaron de Dios,
que todo está perdido.*

*Y... en todo eso no hay sino ondas desconocidas
de energia
para la creación de un equilibrio nuevo
y de otra mas alta serenidad.*

*Nosotros tenemos la comprensión nítida de este mo-
mento.*

*De este momento en el mundo
y de este momento en el Brasil.*

*Vemos allá fuera ú aqui dentro el rodar de los senti-
mientos en torbellino trágico.*

*Y las embestidas reivindicadoras
de los apetitos que se disfrazaban
y ahora se desencadenan en furia.*

*Y oimos el suspiro de alivio
de la mediocridad finalmente desoprimida:
de la mediocridad que, aprovechando el
desequilibrio de un instante,
aizó también, su voz en fultete,
y llenó el aire de gestos desarticulados
y se proclamó vencedora,*

*en la ingenua ilusión de que las barreras que la conte-
niam cayeron para siempre.*

*Pero vemos igualmente los espiritus legitimos en su
puesto, inmutables.*

*Y entregamos el oido al llamado de alerta de las senti-
lias perdidas.*

*Y sentimos a flor del suelo el frémite de las corrientes
subterráneas, de fuerza viva, que seran captadas por la sa-
biduría divina en la hora próxima de las construcciones
admirables.*

*El arte es siempre el primero que habla para anunciar
lo que vendrá.*

*El arte de este momento es un canto de alegría,
una reiniciación en la esperanza,
una promessa de esplendor.*

*Pasó el profundo desconuelo romántico.
Pasó el estéril escepticismo parnasiano.
Pasó la angustia de las incertidumbres simbolistas.*

catolicismo e comunismo

O catolicismo é a doutrina do justo equilíbrio. Capaz de se adaptar, sem se trair jamais, a todas as exigências sociais e individuais. Tenho a impressão de que, só do ponto de vista católico, é possível ter das cousas uma visão total, integral. O católico não tem o direito de se limitar.

Na harmonia do seu equilíbrio, ele estuda todas as filosofias, procurando as intenções de verdade que as orientam. O católico deve ir buscar, mais do que ninguém, a parcela de verdade das cousas, onde quer que ela esteja, liberta-la da ganga de erros que porventura a envolvam. É exatamente essa totalidade do Catolicismo que faz dele a grande barca, onde ficaram resoando, desde Cristo, as palavras de vida eterna. É exatamente essa totalidade que desconcerta aqueles que ainda não tiraram os antolhos, para que os seus olhos respirassem. São esses que vêm contradições nos Evangelhos quando Jesus aconselha a castidade a uns e manda que outros se casem. Esses vêm nos Evangelhos dois Jesus. Mas Jesus viu a multiplicidade de facetas da alma humana e satisfazia, sem se negar jamais, todas as exigências individuais, como hoje a Igreja satisfaz todas as exigências sociais.

Póde-se dizer que o valor de uma doutrina está na razão direta do seu maior poder de compreensão em relação às outras. Informados pelo pensamento do Catolicismo — que é síntese de todas as verdades — que é um sistema de harmonias filosóficas — não nos é lícito desconhecer as sementes de vida que por aí andem.

E eu amo o Comunismo exatamente pela grande porção de verdade e de vida que ele contém.

Não exijamos dos nossos inimigos que nos compreendam. Mas exijamos sempre de nós a total visão das cousas.

Repetindo: em qualquer bloco onde haja um fragmento de verdade, o Católico deve ir busca-lo. Até porque esta verdade já estará no catolicismo, em espírito.

E nós seremos tanto mais fortes contra o que ha de errado e monstruoso no Comunismo quanto melhor tivermos reconhecido o que nele houver de verdadeiro.

A Igreja não é favorável nem hostil a re-

gimens economicos ou politicos emquanto taes. Mas ela fornece ao Catolico o espirito que o deve guiar na adopção de um regimen temporal de vida. E parece que um regimen de trabalho coletivista e de distribuição socialista é o que melhor realiza na terra, nesse particular, o espirito cristão.

EXORBITANCIA DO COMUNISMO

Todos nós sabemos que o Comunismo não se propõe apenas como regime economico. Salu da orbita economica. Já Karl Marx era um prenuncio disso. Hoje o comunismo quer ser, indevidamente, uma especie de religião, embora ás avessas. Ele tem os seus dogmas, as suas escrituras santas, os defensores impertinentes da sua ortodoxia e imutabilidade, os seus doutores infalíveis, as suas excomunhões, os seus programas anti-religiosos, ainda uma filosofia da historia, tambem uma doutrina literaria e estetica, uma moral e cerimoniais rituaes.

Por isso poude Sergio de Chessin escrever: "A profissão de fé Bolchevique é de uma projeção universal. O "Credo" legado por Lenine abrange todos os dominios do conhecimento e aplica-se a todas as manifestações da vida. A Ditadura proletaria não deve ser apenas omnipotente, ainda omnisciente".

Está claro que não será nessa invasão dos planos multiplos da vida que um catolico — mesmo um simples homem de bom senso — simpatizará com o Comunismo. Apenas emquanto regimen economico e sem aceltar a filosofia materialista que na cabeça de Marx foi o ponto de partida para a sua critica ás leis economicas que regem a sociedade moderna, e para a nova construção que ele tão genialmente propoz.

O Comunismo não é, pois, como pensam certos catolicos, uma, dentro do seu erro, perfeita unidade logica, uma concepção da vida, cuja aceitação de uma parte, acarrete a aceitação do todo. Nenhum monolito.

Antes algo absolutamente fragmentario. Um enredo de contradições consigo mesmo.

Como fomos dizendo: A Igreja, para cumprir a sua missão, póde estar bem com todos os regimens temporaes de vida (regimens politicos: monarquia, republicas, dita-

das etc.; regimens economicos etc.. etc.), supondo-os. é claro, não aberrantes da evolução historica. Sem que haja nisso qualquer adhesionismo ou comodismo.

Assim: não se póde ver heresia na attitude de um catolico que após ter lido a obra de Marx, queira, apesar de ser espiritualista, trabalhar pelo advento de um regimen economico em que o meio de produção, não o produto, seja socializado.

E era nesse terreno, de socialização dos meios de produção, ideal tão justo que se chega a duvidar a generosidade de coração dos que o combatem, — que catolicos e comunistas poderiam se dar a mão.

Nada mais de acordo com o espirito cristão do Catolicismo de que essa socialização. E ela não contraria nenhuma das exigências do direito catolico, e nem abole a existencia da propriedade.

Limita apenas o campo da propriedade, mas isso estudaremos noutro artigo.

Hoje já existem alguns comunistas intelligentes que procuram restringir a sua ação a um campo apenas economico.

Emquanto Jaroslowsky pensa que "querer acabar com a propaganda anti-religiosa é uma tendencia incompativel com o marxismo", Khegund, do partido Comunista da Suecia fala assim: "É menos urgente fazer a critica do ceu, do que a da terra. É mais importante combater o capitalismo, do que combater a Deus".

CONSCIENCIA E REALIDADE

"Não é a consciencia quem determina a realidade; é a realidade quem determina a consciencia" assim falava Karl Marx.

Consciencia e realidade: qual das duas determina a outra?

Quem tem razão: Platão ou Aristoteles?

Nós vemos em Patologia Medica como um órgão lesado grita, e a consciencia desse grito é a dor: Realidade determinando a consciencia.

E em psiquiatria vemos dispepticos nervosos, conscios de sofrerem de uma ulcera, acabarem por crear uma ulcera real: consciencia determinando a realidade.

(Continua á pag. 16)

f e r n a n d o c a r n e i r o

*El artista canta ahora la realidad total:
la del cuerpo y la del espíritu,
la de la naturaleza y la del sueño,
la del hombre y la de Dios,*

*Y la canta, porque la percibe y comprende
en toda su múltiple belleza,
en su profundidad e infinitud.*

*Y por eso su canto
está hecho de inteligencia y de instinto
— porque tambien debe ser total —*

*y está hecho de ritmos libres
elásticos y ágiles como músculos de atletas,
veloces y altos como subtilísimos pensamientos
y sobretudo palpitantes
del triunfo interior
que nace de las admiraciones maravillosas...*

El artista volvió a tener los ojos adolescentes y se encontró nuevamente con la vida:

TODOS LOS HOMBRES LO ACOMPAÑARÁN.

na manhã de crystal

Estou só, muito só, tão só que me arre-
ceio
dos proprios movimentos que executo,
em mim mesma, em meio
ao deserto absoluto.

Estou só, muito só, numa tão muda calma
que até sinto minha alma
ir em pontas de pés para fóra da mim,
que a contemplo — encantada
por me encontrar assim,
sem que em mim veja nada
do que suppunha em mim...

Na manhã de crystal
paira um silencio tal
que o pensamento sóa:
— “Vamos, é tempo, reage, olha que a
vida é boa
e a natureza é linda,
deixa-me ser, eu quero ser, eu vivo ainda!

Deixaste escorregar dos dedos tua sorte
teu destino de estrellas,
e a vida, mata sempre antes da morte
os que não sabem viver-a.

Pairando assim captiva,
fizeste acreditar que estavas morta
e te enterraram viva:
a presença dos mortos quem supporta?!

Estás só e que esperas dessas vidas
pelas quaes te annullaste e que esperas
do amor?!
— si somos por nós mesmas esquecidas,
que alguém de nós se lembre é loucura
suppor.

Estás a sós contigo,
encontreste-te, enfim, eis o momento
amigo.
Tua ternura? — vence-a:
pensa que tens a obrigação suprema
de concluir, com orgulho, o melhor
poema
— tua propria existencia.

Coragem, toma posse de teu eu;
ama a ti mesma, aos teus thesouros in-
teriores,
terás, então, o amor de todos os amôres,
o kosmos será teu.

Vamos, é tempo ainda, abre as asas para
o ar,
ergue-te, olha o infinito face a face
pensa que ha no esplendor de cada sol
que nasce
um raio de teu ser que se vae apagar!...”

Na manhã de crystal
acolhedora e boa,
ha tal translucidez,
ha uma quietude tal,
que o labor cerebral
estranhamente echôa
e a vista nota, sem querer,
o vario movimento expressionista
do que está para ser,
as loucas contorsões,
os impetus medonhos
da dança estática dos sonhos
no desespero das realizações!

Da manhã no crystal,
observo-me, surpresa:
olho-me em tudo, sinto-me sem fim;
não sei si me absorveu a natureza,
si tenho o mundo germinando em mim.
Amo-me, amando a solidão ambiente;
é uma sala de espelhos a paisagem,
reproduzindo indefinidamente
as imagens de minha propria imagem.

Toda fóra de mim, em vão procuro
atrahir a minha alma ao seu carcere
escuro,
à prisão que a aniquila...
sinto a presença do futuro,
tenho-o, ante os olhos meus de pasmo
quêdos,
como um bloco de argilla
à espera do milagre dos meus dedos...

E me fico hesitante,
a ouvir a cada instante
na manhã de crystal,
o labor cerebral
que no silencio sóa.
“Vamos, é tempo, reage, olha que a vida
é boa
e a natureza é linda,
deixa-me ser, eu quero ser, eu vivo ain-
da!...”

emiliano salmo a la raza venidera

... Um desencanto outomniço, cheio de aristocraticos intimismos: muito de nobre, de doce renuncia a tudo, que leva o Poeta por vezes á ebridez da humilhação mais do que conceito da inanidade da vida — assim brinca mollemente com as tristes flores o ultimo adeus da Musa d'Emiliano Pernetta.

Vem-lhe de estrangeiras paragens, a Dôr? Por certo é bem sua, d'alma, essa que apparece "dentro desse fulgor de imperatriz suprema", para lhe ser o "seu desejo", o "seu eterno gozo".

Não serão muitos os lyricos irmãos do Soffrimento que a si preparem tal crepusculo, em que um requinte do ser-simples se traduza por tão francas expressões, a trazer frequentemente cheiro quasi brutal da natureza!...

Melancolia de Principe, não se contém dentro dos interesses pessoalmente emocionaes do Poeta: transborda de sympathias humanas e dicta á limpidez dos puros as formosas "Oração da Manhã" e "Oração da Noite", verdadeiras paginas anthologicas, no menos vulgar sentido que este adjectivo possa ter.

E para o Amor ainda é que elle ora: para "Maria", o coração do heraldico crepuscular leva o presente de uma prece-ao-Senhor, em vez de palavras que traíam um desejo terreno. Reveste-se de corajosa espiritualidade a Musa-erótica, neste livro: a paganissima Musa que não irrequieta bailava em *Illusão!*

Setembro!... Quiz, naturalmente, Emiliano dizer-nos que o seu outomno não era o de um vencido: o despedir-se da vida — eis — em que a Mocidade lhe era mais sábia, Mocidade contudo...

Mais sábia, pois que mesmo convertida. (Em verdadeira obra-prima de poesia, diz-nos de sua conversão, o helênico travesso de quasi toda uma existencia!) — Torna-se então o seu incorruptível amor á — Natureza, de sentimento pagão, em enternecimento pelo Creador: e sua singelleza de voltado á humildade banha-se em beatitudes de graça, atravez da confraternização com os seres, pela vastidão...

O epilogo!... o epilogo, esse *Quando Jesus nasceo* a responder com sua claridade de delicia á claridade de espasmo-brutal de *Pena de Talião*, como si os dois mundos se enfrentassem!...

Vae-se elle assim com seus invulgares anseios, com suas invulgares expressões: vae-se elle com seus modismos, em começo bem chocantes mas que, ao fim, se esvacião de aggressivos tons em colloração propria ao manto do poeta; e, com elle, nós vamos por essas lindas paginas de seu livro posthumo com a alegria de podermos responder a esse, que se diria seu recado de alémtumulo, que se tranquillise a sua gloria de poeta: pois que, em verdade, não nos será possível esquecer o diante de taes versos!

E talvez mais para gloria nossa...

adelino magalhães

boire à la source

de jules supervielle

Ha nesse livro um longo capitulo sobre Ouro Preto. Salta-se por sobre o resto: os Pyreneus, o Uruguay, o Paraguay, e vai-se, soffregamente, ás paginas que nos dizem da veneranda metropole mineira. Ali, nada de turismo. Apenas uma deliciosa vagabundagem sonhada. A linguagem, setinosa. Uma infinidade e cariciosa imaginação sensível. Os elementos de puro pittoresco entram sómente como matizamento delicado a mais. Nada *pour épater*. Sente-se que Supervielle está penetrado de intelligente respeito pela synthese historica e social crystalizada na velha urbe montanhosa. Apprehende tudo aguda e prestamente, porém vemol-o mover-se pouco, com uma cautela extrema, como si temera desfazer a trama velludosa daquella grave apparição de outras éras.

A "fonte" fresca que o dessedenta em Ouro Preto embriaga-o subtilmente do encanto da evocação, correnteza de suggestão capitosas como os velhos vinhos, dormidos desde seculos sob a poeira dos dias longamente escoados. Supervielle tomou contacto, ali, com uma velha cultura de que o Brasil moderno não parece, á primeira vista, ter sido herdeiro. Como ligar a noção daquella alma singular e impressiva do passado, harmonizada pelo afastamento no tempo, com o espectáculo cinematico e tumultuario desta aleatoria e difficil California que é o Brasil actual? Supervielle preferiu não dispôr o contraste, para effeitos rhetoricos. Limitou-se a Ouro Preto, onde a sua amavel e espontanea subjectividade viu coisas de nós bem sabidas com olhos novos, e que, assim, nos parecem ainda virginaes. O tom é de poesia leve mas penetrante.

Fica-se amando o homem que tão sympathicamente se entregou ao encanto daquelle curioso Brasil dos tempos da grande mineração, faustoso, duro e singularmente civilizado, que produziu o estranho e humilde Alcijadinho. Ficamos um pouco seus irmãos, e, dahi, não mais o deixamos. Vamos com elle aos largos e luminosos paineis uruguayos, e á dolencia paradoxal dos saudaveis aventureiros e pastores gauchescos. Immergimos na parada melancolica do Paraguay, que esquece o mundo e a vida. Para finalizar, vamos ás paginas iniciacs, aos Pyreneus nativos dos Supervielle, antes deste Jules vir nascer na Republica Oriental.

E' mais alta, mais inenarravel a poesia do pudico poema familiar que elle nos traça, no scenario de lavada e limpida belleza da serra ultima da Iberia.

Que olhos de claridade os desse Julio Supervielle, que, entretanto, tanta apresentação de refinado hermetismo nos dá naquelle raro *Le Forçat Innocent!* Que olhos claros, reflectindo o brilho denso e ligeiro da Fonte fresca! *Boire à la Source...*

andrade muricy

E' ainda de Leopoldo Ramos Gimenez a traducção abaixo do poema de Wellington Brandão *Psalmo á raza vindoura*, publicado na primeira phase de *Festa*.

O poeta paraguayo, interpretando no seu claro idioma o poeta brasileiro, traçou a respeito o seguinte commentario:

"No es Wellington, acaso, un gran poeta, un poeta de esa legión que posee el nuevo sentido de la América para asociar en su canto libre la musica de nuestra tierra con la musica eminente de nuestro siglo?"

"El artista volvió a tener los ojos adolescentes Y se encantó nuevamente con la vida. Todos los hombres le acompañarán."

La raza redentora surgirá de un pais de planicies profundas y montañas ubérrimas.

— Bárbaros mansos, de facciones tranquilas, pastores y labradores que han de retomar la tierra a los que la usurparon.

La raza redentora saldrá de las profundidades de mi sueño diseñando formas atléticas y angustas en la espiritualidad radiante que la envolverá.

Oigo el canto inmenso y conmovedor de esos bárbaros benditos, de esos guerreros mansos que han de venir a retomarnos los tesoros que no supimos dignificar.

Oigo el canto inmenso... La tierra se cubrirá de un crepúsculo heróico, en la lirica unción de recibir esos nuevos Esposos.

La multitud gloriosa desfilará ante nuestros corazones acobardados y ante nuestros ojos humedecidos (porque nuestros corazones se acobardarán y nuestros ojos se humedecerán)

Oh, alegría de esa hora en la hora infinita de la Invasión! La marcha lenta, irresistible, acompasada, de esos soldados, embozados en el Futuro, cruzando, como una gran tromba de ternura, el corazón y la vastedad del Mundo!

fronde ao sol

I

agua que sonha

Clara e tranquilla a agua do lago,
— limpida, um espelho de Veneza —
dentre a moldura verde a que está presa.
olha em extase para o grande vago.

De ar, de luz, de cores embebida,
reflectindo o ambiente vive e sonha...
Oh! grande sonho azul! Ninguem sup-
ponha
tel-o mais ideal na ara da vida.

No contorno de argilla,
transfigura-se o lago: é um castello
radioso, pois, concavo e bello,
ao fundo d'agua todo o céu scintilla.

Vasta concha de seda,
egual á arcada do alto ampla e goiva,
como um leito olympico de noiva
para o mytho de Leda,
e translucida e calma,
ella, a agua do lago, o leito goza,
expondo á luz o seio nú, formosa,
até os reconditos da alma.

Que importa a ella o ermo, a vida exul;
está cheia de céu, tanto lhe basta.
Gloria não ha mais linda e casta
que a de ser capaz de um sonho azul.

II

a queimada nocturna

A Lacerda Pinto

Na tristeza fulgural do poente.
fecha-se o dia,
e a campanha deserta e vasta
embuça-se n'um velario
longo de sombras.
O crepusculo esfuma a campanha e o
horizonte.
Ave-Maria...

Manto de sombras que o pôr de sol ar-
rasta,
cêe a noite lentamente...
O silencio é por tudo um sudario de mun-
dos.

Cerra-se a treva.
A noite negra
submerge a campanha e o horizonte.
E além da noite, nos céos profundos,
tal no tópo de um mastaréo,
brilha a flamula da via-lactea
pelo céu.

Ao cháos da noite se sobreleva
o pavor da solidão.
Mas ao longe...
(Será que mais aceso volta o poente?)
abre-se a treva n'um luar ardente,
e a campanha, dentre as sombras assus-
tadas,
accôrda n'um clarão.

Sobre leito de brazas paira a noite sus-
pensa.
Como punhaes sahidos da forja,
línguas de fogo talham a noite immensa
em coleios de serpente.
E um sopro de vulcão varre as quebradas.

Samba do fogo, a queimada nocturna!
Ah! o sonho tumultuario
desse deslumbramento!
Igueas columnas de um castelo que arde
sobre ladrilhos de ouro incandescente!
Sonho que será,
dêssa noite de Walpurgi em labaredas,
o unico par que não se apagará.

E após, é o sólo esteril
pelo crime do fogo;
pelo incendio até ás raizes,
ferindo a vida nas entranhas da terra.

Quando a aurora vier,
— Aleluia da luz e das almas felizes —
Nem as sombras da tarde,
nem a victoria — régia da queimada
a fluctuar dentro da noite,
nem fagulhas siquer...

Cinzas, sómente.
E por toda a campanha a mudez de um
sudario.

III

margens do nhundiaquara

Parecia-me um sonho,
talvez nunca sonhado.
Murmuro, dolente, o *Nhundiaquara*
reflectia o matagal da margem,
de lírios brancos repontado.

Sombras mergulhadas...
Nevoentos castellos da *Uyaras*
n'um crepusculo oscilante,
ao fundo d'agua.
E n'outra margem,
brancas e caladas,
a casaria da primeira rua.

Sonho de ólhos despertos.
Sonhei contigo, minha terra,
pelos caminhos de lírios brancos.
Sonhei contigo e no teu sólo,
Tal nos velhos tempos eu sonhára
n'outro cólo, adormecido.

E ha quantos annos, vês?
vivo rolando sobre o meu destino,
barco de insanias já desarvorado.
Sonhei... e na alma de hoje,
de sombras mergulhadas,
saltou a rir minha alma de menino.

E partimos os dois
por entre a casaria da primeira rua.
A colina da igreja alça-se em frente,
é a matriz da "Senhora do Parto".
Rezas no silencio, luzes tremulas...

Penetramos no templo.
Ah, volupia da recordação!
A mesma pia humilde
em que minha Mãe se baptisára,
a mesma pia em que me baptisci,
naquele templo que sagrará
tambem seu dia nupcial.

Depois
a ladeira da *balsa* p'ra Barreiros,
e *Ponte Alla*, no caminho agreste
do *Sítio Grande*.
E a minha infancia...
Ah! tambem vieste,
n'um alvoroço de beija-flor.

Mas então,
não ha passado morto?
O mundo velho estava recolhido
no meu coração,
e hoje me veiu
de braços abertos
cheio das ruas que davam no meu lar.

Meu lar, da rua dos *Mineiros*,
aonde me prendiam contra um seio
outros braços sagrados
como os da Senhora do Parto.
Ah! lírios brancos do meu amor!

silveira netto

berceuse para a machina rudimentar

Toda machina que não exija a intervenção manual do homem ou a conjugação animal do quadrupede é criminosa, é o diabo disfarçado em força rithmica. A machina não póde ou não deve se exceder em efficiencia. A mecanica em essencia é uma arte simples para os simples. Os simples é que são os verdadeiros homens da alavanca. A alavanca é tão sublime que levantaria tudo, até os mediocres. Até o mundo, si o mundo não fosse a unica base solida tangivel. Um desintegrador de espigas ou um aparelho de injectar formicidas nos despertam a emoção dos deveres sabiamente cumpridos. Grãos vermelhos espirrando do bicame. Toxico azul descendo as galerias infernaes do povo mais competente e mais socialista do universo. O homem precisa do milho e dispensa a formiga. Infelizmente dispensa a formiga. Porém, o excesso de milho debulhado e a falta absoluta de formigas desequilibrariam gravemente as condições de estabilidade da economia humana. A machina moderna é o principio do capetismo universal. A fartura e a miseria. O suor e a pósc. A symetria, o brilho, a sedução e o desengano. Milhões de braços nadam no oceano do vasio. Bilhões de mãos choram, sem callos, a saudade dos contactos elementares. A machina urra. Espirra. Sorri. E cada urro, cada espirro, cada sorriso alvar do portento é uma victoria da transcendencia contra os exercitos inermes do rudimento. A transcendencia não conhece os cansaços que se apoiam: é a procura febril do maravilhoso na acção incessante. A sêde de só descansar onde o descanso não existe: no infinito. Jesus se esqueceu de explicar que o Anti-Christo seria de ferro e que a sua eloquencia não se exerceria pela palavra, mas pelo movimento. A machina cresce nos horizontes como um monstro que vae eclypsar o proprio sol e engolir a unica poesia que ainda canta no mundo, que é a poesia das coisas simples. Carreiros enormissimos de almas cambiantes e de corpos côr de crepusculo é que serão os raios desse fabuloso astro preto. Raios que ella propria engolirá pela noite das noites, quando apitarem angustiosamente, como bois diluvianos, os transatlanticos exhaustos e roncarem no ultimo estertor os palacios que vôam. Ella pisará, com as patas incandescentes, a propria colorida escória. Machinas elementares: bateadeiras de tombo; expremeadeiras e amassadeiras manuaes; tiradoras de formigas; velocipedes de rodas lyricas; turbinas hydraulicas; bigornas patriarchaes; moinhos de vento; sombras amigas do passado. Nós pernearemos ainda pelos caminhos da vida carregando a nossa cruz. Rídiculos mas solidarios, mão na mão e alma na alma. Chegaremos até á altura em que fervem

“patmos” poemas de ilarie voronca

Um livro novo de Ilarie Voronca: *Patmos*. Vem-nos chegando agora mesmo das mãos do poeta-lider da jovem literatura rumáica. *Patmos*, nome sem nenhum parentesco com os dos livros anteriores — *Ulysse dans la cité e Poèmes parmi les hommes*. Recuo da esthesia modernissima para a velha tradição classico-biblica? E' possível. Mas, em todo caso, será apenas um recuo todo interior — a alma do poeta dionysiac que parou por um momento na sua corrida ao encalço da belleza *presente* das coisas deste mundo para voltar os olhos ao passado, de grandes suggestões profundas. Porque, neste livro, Voronca é o mesmo illuminador de imagens surprehendedentes e de rythmos bruscos e largos que nos encantou nos volumes precedentes. Com este accento novo, porém: com qualquer coisa de uma profundidade espiritual, de uma gravidade, dir-se-ia quasi religiosa, de alma, que não encontramos nos dois primeiros livros.

Patmos, em cumprimento a um voto fraternal do poeta para com os seus irmãos de *Festa*, deverá apparecer, dentro em pouco, em tradução brasileira”. “Le magnifique pays du Brésil, — diz Ilarie em carta commovida, — qui m'attire avec une force si grande que je finirai bien par venir un jour le visiter”. Aqui fica esta dupla noticia. E como primicia da tradução a apparecer, este bello, complexo, resoante cantico de ansiedade, que é uma das mais realizadas peças de *Patmos*:

EU SOU O QUE NÃO REPOUSA

A George Neveux.

Vós, passaros, que passais sobre a face deste Mar,
Ou então vós, espumas felizes entre as ondas
[redondas.

Aqui, á beira do mar, entre as conchas que brotam
[tam como relva
Quando a noite suspende á superficie todos os
[cobres naufragados.

Sem passado. Sem futuro. Sem saber quando
Nem onde, nem como. E as palavras cheirando
[a sal.

O' vós, ventos bemditos, bem no alto, entre as
[luzes dos mastros
E o sangue que soffre em nós por abrir caminho
[para os grandes desagudouros.

Que eu seja a terra que escorre pelas barrancas
Arrastando comsigo sementes, casas e arvores
[pendidas

os paraizos artificiaes. Loucura das loucuras. Sorratoiros e sublimes. Atraz de nós gritarão sombras essenciaes, que nos encorajarão. O' amigas: coragem! Eu principalmente vos defenderei com o meu canto, que será o ultimo canto das coisas nuas. Morreremos juntos. Mas estareis commigo no paraizo.

Que eu seja o homem que se maravilha de tudo
[isto
Os olhos grandes como pássaros que o ninho não
[póde mais conter.

Ao longe, ha ainda cidades pacificas. Mas á
[frente
O exercito da tempestade ergueu suas tendas.
[Os delphinas
Cortam mais profundamente as ondas. E as
[harpas do vento
Cantam vôos sem esperança, choram as grandes
[divindades desaparecidas.

Aqui tambem não ha repouso para nós. Nem
[lá longe
Nos restaurantes das cidades de aguas onde ás
[sete horas da manhã apparecem as
[velhas pianistas.

Nem entre os rochedos onde as serpentes se enroscam
[roscam nas flautas do poente.
Nem nas cidades novas erguidas ao grito dos
[homens jovens.

Em lugar nenhum ha repouso para nós
Nem na primavera adolescente que desce das
[montanhas
Nem no relógio do outomno cheio ainda das ho-
[ras avermelhadas das folhas,
Nem nos cristaes do inverno em que se lêem os
[destinos.

Um povo na areia. Um povo nas regiões áridas.
Por cima passam os dias com um ruido de ferro,
Em nenhum lugar ha repouso para nós. Nem
[na tarde que mistura
Terras e aguas. Nem na manhã que novamente
[os separa.

E agora aqui, nesta prala. Onde o homem apa-
[ziguado,
Pescador vludo do largo, a barca cheia de pelxes.
Não ha repouso para nós. Nem aqui, e, no em-
[tanto,
Ha ainda cidades, ha espumas felizes sobre as
[ondas.

estancias

I EXERCICIO

La rose que voicy ressemble à ceste rose.

Não ha nada que vença em graça a languorosa
maneira feminil com que esta rubra rosa,
debruçada do vaso, a haste flexuosa inclina.
Rosa! E logo outra rosa estranha se imagina...

II ESTHETICA

Basta que a sombra desça e o silencio se faça,
para que tudo assuma as proporções, a graça,
o espirito, a cadencia, a estranha realidade das consas de arte, mais reais do que a verdade.

Onestaldo de Pennafort

meia hora com itiberê da cunha

Tive de escolher, um dia, em Paris, entro assistir Colette no music-hall e ouvir Georgette Leblanc numa "sessão continua", typo cinema, no Theatro dos Campos Elyseos. Das duas, era Colette quem eu admirava.

Fui vêr Georgette Leblanc. Fui vêl-a, vêl-a sómente. Não me interessava nem a sua voz, nem a sua arte. Fui vêr a mulher. Conhecer Mélisande e Monna Vanna! Georgette Leblanc, a figura mais decorativa daquella curta era de mysticismo romanesco: o Symbolismo.

Sobretudo era a mulher de Maeterlinck, a companheira dos tempos heróicos.

Maeterlinck foi, para a minha geração, do Paraná, influencia magna. Com Baudelaire e Verlaine. Com Nietzsche, D'Annunzio, Wagner. (theoricamente), Ibsen, Carlyle. Esses grandes nomes presidiram á formação do nosso espirito imperiosamente. Isso, sobre incertos all-cerces dum hellenismo muito especial, com que Dario Vellozo nos encantava. Tudo com fortes resaios de occultismo e magia. Por all andavamos, muito distantes do epicurismo sceptico, anatoliano, da jovem geração néo-naturalista e wildeana de São Paulo e do Rio. Nós, filhos do Symbolismo.

Maeterlinck revelou desvãos psychologicos que Freud não illumina bem, embeblidos do sonho insondavel; que oste admiravel pandego Pirandello não vislumbra, siquer. O poeta genial de Sêrres Chaudes, precursor inegalavel. O seu theatro não terá sido integralmente realizado. Mas essa poesia, cheia de intuições de natureza analogá á do transporte mystico! Um mystico transviado, mas um grande poeta! Não ha envergonhar-se desses ennevoados mananciaes. Bom mais ingenuos e generosos do que o sorridente somítico Anatole France, e todo o renanismo.

Andava muito longe daquelle tempo, e daquelle ambiente. Não resisti, porém; fui vêr Georgette Leblanc cantar opigrammas acidos de Strawinsky, de Poulenc, de Auric.

Agora, li os recentes *Souvenirs*, daquelle Georgette. Coisa impressionante. Mixto de paixão authentica, de theatralidade, de affectação. Onde ha soffrimento real, talvez merecido. Seguramente necessario. Não era vida, aquella exaltação imaginativa, quasi fóra da vida, apothose do artificio, do estheticismo sem medida. Maeterlinck repudiou-a, com dureza. Foi viver diversamente. Georgette, essa, encostou-se ao muro das lamentações, e chora em muito apreciavel prosa maeterlinckiana.

Foi motivo de eu me recordar vivamente das illusões da minha adolescencia.

Tenho um amigo que foi companheiro de Maeterlinck, que participou do glorioso surto da Jeune-Belgique; amigo brasileiro, meu conterraneo, curitybano, morando bem proximo, all em Botafogo, na umbrosa rua das Palmeiras.

Fui ouvir Itiberê da Cunha.

Destino curioso, o desse brasileiro. Crimico musical do "Correlo da Manhã". Compositor. Homem discretissimo, duma aristocracia de sentimentos, mas sobretudo de sensibilidade que o isolam em meio desta vulgaridade apoculyptica em que vivemos. Passa aquelle senhor, muito jovem de porte e de physionomia, mas de lindos cabellos brancos. Passa, esgueirando-se: não vão lá reparar nelle!... As

atensões não o alturdem; as brutalidades vão magoalo-o fundo, e que facil magoar quem oppõe apenas a mais educada contensão, e o sorriso mais gentil á pulhice utilitaria dominante.

No Brasil tem havido desses casos assim excepcionaes. Bastaria lembrar aquella impavida Nisia Floresta, quasi centenaria. A própria singularidade da sua biographia faz de Itiberê da Cunha um amavel retrahido. Forçao a uma attitude de secreta defeza.

Mas que coisa assombrosa se fica julgando, á vista de coisas dessas, a lenta, complexa, imprevisivel gestação de uma cultura de povo! De que estranhas fontes subterraneas surdem os filetes crystalinos que acabam por formar a individuação de uma raça!

Uma gente naturalmente sonhadora, a do Paraná, vivendo em habitat physico que se diria nórdico (nórdico, da Europa; as brumas, a neve, os ventos gellados...), propensa ao mysticismo e ao symbolo, essa gente só precisava da gota que faz transbordar, só lhe faltava o jacto inicial. Vae um menino para o Estrangeiro. Participa occasionalmente de um grande movimento intellectual, e traz para a sua terra a semente necessaria, tral-a para terreno apropriado, e mais de vinte annos de vida intellectual, bom typica, povcem — de tal similes acontecimento: da volta do Filho Prodigio.

Ha sessenta, ha setenta annos, o Dr. João Manoel da Cunha, director da Instrucção Publi-

ca do Paraná, e professor de Latim, fazia boa musica de camera, em Curityba, com um parente e dois amigos. Bôa: Haydn, Beethoven, Mozart, quartettos, trios, etc.

Rodrigo Octavio, nas suas memorias, conta que muito cochilou, ao ouvir (ainda menino, ao lado do seu pae, então Presidente da Provincia, e hospede do meu avô, o "Dr. Muricy") as exhaustivas "Sete Palavras de Christo", de Haydn, musica de camera, da mais severa. João Itiberê, caçula da familia (o mais velho foi Brazilio Itiberê, o diplomata, compositor da historica e decisiva Sertaneja, primeira composição brasileira de Intenções nacionalistas, baseada no folklore paranaense), João Itiberê, com cinco annos de idade, acompanhava ao piano concertos de Beriot e de Vieuxtemps (facilitados).

Na sua casa da rua das Palmeiras, João Itiberê fala-me de Maeterlinck, e da Jeune Belgique. Ambiente sympathico. As salas da habitação, pequenas, mas amaveis, estão cheias de telas, de livros, de musicas, de photographias de grandes artistas gratos ao julgamento comprehensivo, sereno, do illustre critico do "Correlo da Manhã". Madame Itiberê, dedicação ãe todos os momentos, intelligencia aguçada pelo interesse do viver intensamente a vida do compositor e do poeta Itiberê da Cunha. Madame Itiberê insiste. Estimula.

MURICY

(Continua na pag. seguinte)

João
Itiberê
da
Cunha



a noite e os seus mundos accesos

No movimento generalizadamente denominado Renascença, houve duas correntes distintas, apesar da afinidade e da origem commum: o humanismo e o renascimento propriamente dito.

O primeiro caracterizou-se pela exaltação da personalidade humana; o segundo, pela adopção da technica e do modelo greco-romanos.

A um padrão de vida que, tornando o homem num como que executor capaz da vontade primeira e creadora, subconscientemente arroteou todo o plano da actividade universal para uma marcha ascendente de bravura, de intelligencia, de belleza e de ordem; succedeu a presumpção do superhomem, desnaturado, construindo por paus e por pedras e multiplicando cataclismos.

Ao individualismo medido, mas nem por isso menos audacioso, da Edade-Media; succedeu o individualismo guloso e feroz que se projecta, como uma decoração do inferno, no fundo da alma da humanidade actual.

Quanto ao renascimento, num encontro de contas, grandes lhe são os saldos, porque no que não beneficiou, mal não trouxe. Não se lhe podem negar os effeitos maravilhosos nas artes plasticas e na plastica litteraria; basta ver como floresceram depois do seu surto, e mesmo antes, quando já se presentia a época nova.

Apesar de haver imposto a todos os motivos a mesma decoração geometrica e portanto falsa, a que recorreu uma raça de geometras e por isso amiga de linhas simples e proporcionadas, como a grega, reviveu esta época o canone esthetico classico já formulado por S. Thomaz de Aquino e adoptado empiricamente na antiguidade hellenica.

O artista passou a deixar em segundo plano o detalhe do modelo, para fazer sobresahir alguma cousa que suggerisse ao observador o ideal artistico concebido, pondo em evidencia, portanto, um canone esthetico proclamado por S. Thomaz em plena Edade-Media, e repetido mais tarde em outras palavras por Balzac em "Chef d'Oeuvre Inconnu".

Na plastica litteraria tambem foram grandes os esplendores.

A rhetorica tão cultivada na Edade-Media, desde os tempos do trivlo e do quadrivlo, para ensinar ao barbaro a falar com clareza, teve o seu complemento na leitura quotidiana dos textos gregos e romanos, admiraveis pela eliminação de palavras inuteis e pela precisão do seu emprego, pelo bom gosto, ordem e elegancia na disposição dos assumptos, pelos mosaicos de idéas, bellos como os triangulos de Platão.

Nas sciencias, porém, bem como nas invenções, limitou-se a Renascença a ajustar o material já preparado pelo esforço medieval; e quanto ao maior conforto material, que tanto escancara os olhos ás mediocridades, ainda ahí o processo foi o mesmo.

No pensamento tambem em nada avançou a Renascença sobre a Edade-Media: Sto. Agostinho já havia revisto a Platão, e S. Thomaz, além de revisto a Aristoteles, já havia composto a Ethica e a Esthetica.

Oh, prodigio! Em plena noite caliginosa, como a denominavam folgações, mas noite saueada pelo ar puro das universaes, S. Thomaz

proclamava ser impossivel, numa obra de arte, preoccupações moraes ou de outra qualquer natureza, donde a condemnação, em nome do pensamento, ao romance ou ao theatro these, apre-sentados então como obras de arte.

Na substancia das letras, ninguem se apresentou com maior pujança do que Dante, e Camões, só não se lhe equalou, por haver misturado catholicismo com mythologia.

Cervantes e com elle todo o maravilhoso theatro espanhol, continuaram a se inspirar no ambiente medieval; e Francisco Victoria, pelo espirito, um acabado cavalleiro christão da Edade Media, nada foi pedir ao direito romano-adaptado, havia muito, ao mundo moderno, pelo direito canonico, que lhe ensinasse a ser o futuro inspirador do Tratado de Versailles.

Racine, passado completamente ao movimento da Renascença, inspirou-se no ambiente grego, mas fez uma obra fria, apesar de perfeita; Shakespeare, inspirando-se por vezes na Roma antiga, só attingiu ás culminancias, quando se abeberou da Edade-Media; e Goethe, digam o que quizerem, quebrou toda a unidade esthetica do Primeiro Fausto, transportando-se, por uma ponte de ouro, do Primeiro para o Segundo Fausto, da Edade Media para a Grecia dos tempos herolicos.

Porfirio Soares Netto.

meia hora com itiberê da cunha

(CONTINUAÇÃO)

— Essas tuas recordações são interessantes. Vá dizendo. Lembra-se.

Itiberê, cordialmente, com a sua animação suave, fala, recorda-se. E as recordações são mais do que interessantes: são unicas!

Quo testemunho inapreciavel, o desse joven curlybano, que, em 1880, foi matriculado, em Bruxellas, no Collège Saint-Michel. Instituição religiosa. Seminario. Quasi convento. O pequeno musico onteidiu-se nas praticas espirituas severas em excesso. Muito creança ajuda. Não se deu bem. Já ali, porém, teve por collega Mauricio Maeterlinck (muito mais velho e adeantado). Como Itiberê, Maeterlinck preparava-se para reagir contra a educação dos seus mestres jesuitas. Enquanto isso, outro collega decidia a sua vocação e o seu destino: o hespanholzinho Merry del Val, que foi cardinal e Secretario de Estado sob o pontificado de Pio X.

O Institut Saint Louis, collegio tambem religioso, porém mais aprazivel, preparou-o, atra-

vés das Humanidades, para a Universidade de Bruxellas, onde doutorou-se em Direito.

Ali principiou a vida litteraria. A revista famosa, que demarcou o advento da grande litteratura belga: La Jeune Belgique, teve nelle assiduo colaborador. Acamaradou com Georges Eekhoud, com Alberto Giraud, com Valère Gillet, com outros, mas principalmente e até a intimidade, com Ivan Gilkin notavel poeta, que morreu (ha poucos annos) presidente da Academia Belga. Ali ouviu, attento, as conferencias de Mallarmé.

— Na sua linguagem especifica e cheia de inversões ellipticas... E logo após Josephin Péladan, o exoterista, o Sâr... Esse teve verdadeira influencia sobre mim, passageira, mas com imprevistas consequencias. Trouxe-lhe as obras para o Paraná, e as do mago Papus (que foi fuzilado em Paris, ao tempo da guerra de 1914-18). Deixas a lèr á gente nova da minha terra... e foi a semente de onde deriva (oh, muito longinqua e indirectamente!) o Instituto Neo-Pitagorico do brilhante Darío Vellozo, e tantos curiosos phenomenos, de extranha e turbulenta mysticidade, occorridos em Curitiba... No tumulto das idéas mais endiabradas, sempre conservei a lucidez de espirito. Adorava Verlaine e Baudelaire, mas preferia Leconte de Lisle, com a sua arte impessoal. Na prosa, frequentava assiduamente Barbey d'Aurevilly, Villiers de l'Isle Adam, mas sobretudo Taine, Flaubert, Anatole France, este muito carinhosamente.

Assim, apparecido em pleno momento decadentista, symbolista, o meu livro de estréa propendia para Leconte de Lisle. Chamava-se *Préludes*, e foi publicado em 1889, em Bruxellas, pelo editor Lacomblez, na mesma occasião em que appareceu *Séreses Chaudes*, de Maeterlinck, e em edição igual, apenas diferenciada pela côr dos titulos. Veja você como Albert du Chastain (Corinne), em "Le Soir", escrevia a respeito: "A musica é a melhor prova de que leis racionais governam o mundo, e os poetas são por natureza musicos. Hoje mesmo, elles são quasi todos compositores. Na Belgica, não ha quem faça excepção a essa regra, desde os mais celebres até ao ultimo chegado nessa brilhante pleiade, sr. João Itiberê da Cunha, o joven autor de *Préludios*, que Lacomblez acaba de editar, e de quem o "Figaro" assignalou recentemente a notavel estréa".

Esse livro, e a residencia transferida para Paris, proporcionaram-me relações e correspondencia com Leconte de Lisle, Sully Prudhomme, Hérédia, Jules Lemaitre, Jean Rameau, Henri de Regnier, com os portuguezes Thomaz Ribeiro e Eugenio de Castro, que, todos, me consideravam belga.

Mme. Itiberê mostra-me, num precioso album, cartas autographas de todos esses grandes nomes. — documentario que, por si só, envaldecia qualquer autor menos modesto do que o modestissimo, discretissimo João Itiberê.

— E' engraçadissimo que um jornalista belga, Clodoche, por occasião da vinda ao Brasil do rei Alberto, tenha publicado em Bruxellas um artigo "A intellectualidade do Brasil", em que (disseram os telegrammas) traduziu para o francez versos meus, que estão escriptos, no original, em francez!...

Voltando ao Brasil, em 1892, levei a Curitiba, o espirito complexo do movimento litterario europeu: symbolismo, decadentismo, exote-

(Conclusão na pag. 18)

m u r i c y

duas edições da livraria globo

meu novo olhar

Temos sobre a mesa dois grandes livros recentemente editados pela Livraria do Globo, de Porto Alegre: a *Introdução ao Estudo da Medicina*, de G. H. Roger, tradução do Dr. Fabio de Barros, e *O Mundo em que vivemos* (Geographia graphica da Humanidade), de H. von Loon, em tradução do prof. Alvaro Franco.

A primeira destas obras é suficientemente conhecida dos nossos homens de sciencia, que puderam lê-la no original. O seu apparecimento agora em vernaculo e a preço muito mais baixo do que o da edição estrangeira, vem pôr na mão dos nossos estudantes de medicina um elemento precioso de sintese cultural, tão util no começo como ao fim do curso medico.

A geographia de van Loon, porém, é uma esplendida surpresa. Volume de 500 paginas, e grande formato, profusamente illustrado a preto e a cores com desenhos de maravilhosa expressividade traçados pelo proprio van Loon, *O Mundo em que vivemos* vem renovar entre nós o ensino da Geographia, pelo seguro influxo que não poderá deixar de exercer. No livro de van Loon, a Geographia, de sciencia áspera e arida, se transforma em aventura encantada do espirito. Van Loon é o typo do scientista para quem a sciencia é um grande "caso de amor". O que encontramos no seu livro é uma historia commovida. Elle sabe a vida da terra como um de nós sabe a vida do ser que mais estremece. E' verdadeiramente assombrosa a somma de conhecimentos que, num tom de palestra bem humorada, elle transmite em linguagem simples, ao alcance das crianças, mas capaz de prender igualmente as intelligencias mais austeras. Uma esplendida surpresa, como diziamos de começo.

Meu novo olhar é o de quem já sabe
Que a alegria e a ventura não permanecem.
Meu novo olhar é o de quem desvendou os tempos futuros
E viu nêles a separação entre os homens.
O filho contra o pai, a irmã contra o irmão, o amante contra a amante,
As igrejas dynamitadas, depois reconstruidas com maior fervor;
Meu novo olhar é o de quem atravessa a massa
E sabe que, depois dela ter obtido pão e cinema,
Guerreará, outra vez, para não se entediar.
Meu novo olhar é o de quem vê um casal bello e forte
E sabe que, sózinhos, se olham os dois com nojo.
Meu novo olhar é o de quem vê, com tristeza, a bailarina
Que, para conseguir um movimento gracioso da perna,
Durante annos sacrificou o resto do seu sêr.
Meu novo olhar é o de quem vê na criança andando
A futura doente, a orphã, a louca, a prostituta.
Meu novo olhar é o de quem transpõe as musas de passagem
E não se detém mais nas ancas, nas nucas e nas côxas,
Mas se dilata á vista da Musa bella e serena,
A que me cogduzirá ao amor essencial.
Meu novo olhar é o de quem assistiu á paixão e morte do Amigo,
Poeta para toda a eternidade segundo a ordem de Jesus-Christo,
E aquelle que mudou a direcção do meu olhar;
Meu novo olhar é o de quem já vê se desenrolar sua propria paixão e morte
E que espera a integração do seu sêr definitivo,
Sob o olhar fixo e incomprehensivel de Deus.

—15/9/1934.

m u r i l l o m e n d e s

FOLTA

Revista de Arte e Pensamento
2.º PRASE

Assignatura annual . . . 10\$000
Estrangeiro. 5 dollars
Numero avulso 1\$000
Numero atrazado. . . 2\$000

Correspondencia para

Andrade Murley
e
Tasso da Silveira

Redacção e Administração

RUA DO OUVIDOR, 141

Rio de Janeiro

*Paisagem
de
Correia
Dias*



exposições de arte

Das ultimas exposições de arte nesta capital notamos em mais relevo as de pintura de Paulo Gagarin e Ismailowitch, na Associação dos Artistas Brasileiros, e a de croquis na Sociedade Brasileira de Bellas Artes. Em 1924 diziamos pela Terra de Sol, a esplendida revista de Tasso da Silveira e Alvaro Pinto, respeito á segunda exposiçõ de Gagarin: "Suas telas, numerosas e vibrantes, valem por um dos casos mais singulares da pintura de estrangeiros no Brasil. Ha muita complexidade nas cores violentas, no largo empastamento das tintas, no desenho duro, nas perspectivas impressionantes, que nos offerce a galeria de quadros do principe Gagarin. A sua expressã procura ainda o cunho definitivo, estonteando-se deslumbrada em face da natureza que enfrentou, e resolveu-se na technica tumultuosa de quem desejou dominar, para represental-os, aspectos fora da sua visã habitual, que não lhe eram familiares, e nem afinavam talvez com o seu temperamento".

Paulo Gagarin continuou a trabalhar. E' laborioso. As diversas exposições em que se tem mostrado, o provam, além da evolução mais ou menos rapida no seu modo de ser como pintor. Na ultima, neste anno, culmina esse avanço para a perfeição, adstricto á technica minuciosa, classica, e ao espirito romantico dominante nas suas telas.

Esses predicados formam, com a harmonia magistral das tintas, a qualidade primacial do grande artista nosso Baptista da Costa e que vibrados pela emoção que elle transmittia ás suas telas, pela alma profundamente brasileira dos seus quadros, fizeram-no um chefe de escola. Foi o mestre da paysagem no Brasil. Paulo Gagarin não trouxe, não podia trazer, essa alma ingentamente nossa, de tropicaes cheios de sensibilidade, sempre saudosos não sei de que; mas criou-a ao contacto persistente com a natureza destas bandas, prodigiosa de viço e de belleza, e no convívio democratico do nosso meio social. A' rudeza de forma e ás tintas cruas das primeiras produções succedeu verdadeira melodia de coloridos, exaltando vivamente um desenho delicado e rico em detalhes.

No brilhante das côres sente-se o temperamento do artista. E' a antiga violencia polida agora. Como que a visã saudosa do exilado substituiu a impeto do rebelde russo. Os tons vermelhos na floração vegetal, a garridicé dos seus recantos cariocas, são realmente bellos.

O que estranhamos um pouco é a nuança crepuscular, o céu geralmente frio nas telas de Gagarin. Parece que elle pinta sempre ao cair da tarde e quando os nosos poentes, que lembram por vezes escudos de batalha, como disse, creio, Alberto Rangel, não confirmam o fulgor da sua realza. E' talvez questão da psyché do pintor. A exactidão de detalhes, na sua technica, nos offerce a mais completa nitidez na representação do modelo, mas podendo reevalar, por isso mesmo, para o aspecto de estampa. Não estamos em época das obstrusidades de Picasso, nem advogamos preconceitos estheticos; frizamos apenas algumas arestas na

modalidade em que se vae fixando a arte de Gagarin, aliás de uma comunicabilidade geral e intensa pela verdade objectiva com que nos apresenta a natureza, harmoniosamente, cheia de poesia.

Ismailowitch é outro russo, com diversas exposições no seu activo de pintor. E' principalmente figurista e trata a figura como um ourives. A sua predilecção pela pintura de mãos femininas, de dedos aristocraticamente longos e de unhas polidas, revela-nos um fundo de Celine, mas do Celiní lavorador de joias, nos reconditos do seu subconsciente.

O que se nos depara de prompto nas figuras de Ismailowitch é a pureza do desenho. Não se pode querer maior correcção academica do traço. O colorido é vivo e natural; sempre boa a carnação e de tal minucia que nos suggere a paciencia de um mathematico. Frontes bellas, marcando o bom gosto do artista na escolha dos modelos, contornos esculpturales e olhares impregnados de mysticismo. São as figuras femininas de Ismailowitch. Mas o seu horizonte visual na composição dos quadros é sempre o mesmo. As suas mostras de arte, que conhecemos, são repetições umas das outras. Comtudo, a mechanica dos seus processos e a tendencia pelas formas aristocraticas, dão-lhe um quê pessoal, embora sem larguezas de visã, nem alturas espirituales. Desta vez o acompanham no Salão da A. A. B. algumas discipulas. Maria Margarida, Margarida Maria, Maria Cecilia; as tres Marias. Exhibem-se todas em natureza morta, genero de que os pintores ultimamente têm usado e abusado, e em que, depois de Pedro Alexandrino, o famoso mestre paulista, quem mais se ha notabilizado pela impressionante realidade material é Oswaldo Teixeira, artista de qualidades eminentes e moço, mas um tanto fóra do tempo. Maria Margarida afirma-se já um temperamento de arte. As natureza-mortas que expõe são mais do que promessas; denunciam uma vocação precisada de maior liberdade no treino artistico para melhor florir no seu valor.

Ismailowitch expõe ainda outros quadros no mesmo tom e diversas paysagens interessantes, que não obedecem a receitas de technica; são espontaneas e communs. Na Sociedade Brasileira de Bellas Artes, operosa Instituição de que se honra o meio carioca, mostra-se ao olhar curioso do visitante extensa e profusa galeria de croquis. E' um completo desabrochar ins-

tinctivo de arte em annotações rapidas, ou bosquejos, como numa festa em familia, sem pressões de fama, sem attenção áquelle publico do que fala Jean Goudal em *Volontés de l'art moderne*, em a foitura ligeira e dextra da mão traduzindo a natureza ao primeiro golpe de vista. Verdadeira educação artistica manejaudo o A B C da plastica. Treino para os mestres, ensaio dos neophitos, e estímulo geral. Essa exposiçõ devia ser frequentada pelas escolas primarias, publicas e particulares, para o aprendizado até dos professores, pois o que nellas se ministra de desenho aos alumnos é uma coisa innocua para a educação do gosto esthetico e pratica do traço. Lá se encontram: Manoel e Aydéa Santiago, o consagrado casal de pintores de quem já tratamos nesta columna, com expressivos nus a carvão. A Sra. Haydéa teve medalha de ouro no ultimo Salão da Escola de Bellas Artes, pelo seu bello Domingo de missa, em Therezopolis. Oswaldo Teixeira, dos mais brilhantes artistas da ala moça, expõe cabeças, bustos e paysagens. Olga Mary, de processos modernos, actividade e expressã, tem diversos carvões; e seu esposo Raul Pedrosa, dynamico e risonho homem de arte, expõe desenhos lembrando, como é do seu feitio, sombras a Poe. Figuras de Gaspar Magalhães, um evocador de aspectos brasileiros. Movimentados nus de Ary Duarte e nus femininos em aguarela de Ary Azevedo.

Georgina de Albuquerque, a notavel pintora de Flor Silvestre, Praia de Iracema, e outras, com estudos sobre cavallos. Carlos Oswaldo, poeta da palheta, tem um grupo de paysagens, ao correr do lapis. Marques Junior com pequenos e expressivos nus. Calmon Barreto, um feminino, em sanguinea e carvão; e Calton Barreto, figuras a tres crayons. De Izabelle ha um suggestivo busto feminino, a sanguinea e branco. Interessantes sanguineas de Aluizio Valle e José Heitgen. De João Azevedo, nus a carvão. No vaporoso e vivo pastel apparecem C. Barreto e Felicitas Meyer. Vicente Leite, o inspirado de Jangadeiros e Velha mangueira, no ultimo Salão, ha diversos e bons croquis. Castro Filho, cabeça a crayon. Maria Francellina, destacada pintora, excellente no feminino. E mais, Armando Pacheco, Pedro, Hilda e Quirino Campofiorito, com cabeças infantis, nus a carvão, e o ultimo com bem traçados trechos de ruas; e Gustavo Reinganter com carvões e sanguineas; Alfredo Galvão, G. Gargaghan, Luiz Kaltemback, J. Ramos, José Heitgen, croquis diversos; o J. Cordeiro Azevedo com apreciaveis bosquejos de architectura. Não classificamos, neste Salão de croquis. Damos os concurrentes, levando mais em conta a mostra em conjunto e a importancia colectiva da exposiçõ quer no attestar a proficua actividade da nobre sociedade de artistas, quer no que ha de fecundo proveito no adestramento de cada um e para a educação do publico frequentador. Essa exposiçõ é um abrir de bastidores levando-nos a surprehender os flagrantes da primeira impressã, no traço, no claro-escuro, no colorido, com toda a força da espontaneidade que os vitalisa. Parabens á illustre companhia de arte.

S. N.

Julio Dantas e a rima

IGNOTUS

a Dario de Almeida Magalhães

Quem fora capaz de adivinhar que o poeta-academico da A Ceia dos Cardacos viria a fazer-se o mais ardente propugnador da abolição da rima, no verso de hoje, por imperiosa necessidade da livre expressão do espirito novo do homem?

Foi, sem duvida, uma surpresa para todo o mundo o artigo em que Julio Dantas nos fez esta revelação e que o "Correio da Manhã" estampou em sua edição de 25 deste mez. Delle destacamos, *data venia*, os trechos mais expressivos, que queremos fiquem registados em Festa como expressão da capacidade de renovação espiritual de que ainda hoje se mostras o poeta illustre de Portugal:

"Devo desde já declarar que attribuo em grande parte á rima, ás suas exigencias, á sua disciplina tradicional, á sua tyrannia, difficilmente supportavel, a decadencia universal dos generos poeticos. A rima, não constituindo, de fórma alguma, uma necessidade fundamental da linguagem do verso, é a origem, não apenas de difficuldades não compensadas pelo simples prazer de as vencer, mas de defeltos incompatíveis com a limpidez, a concisão, a clareza e a força que caracterizam, ou devem caracterizar na hora actual, a expressão do pensamento. Que a rima não é essencial na linguagem poetica demonstra-o o simples facto de haver excellente poesia sem rima. O que importa, no verso, é a medida e o rythmo; a rima não passa de um simples artificio preconceituoso, de uma sobrevivencia escolastica das formas primitivas da linguagem. — e, portanto, de um elemento inferior. E' certo que o ouvido se habituou a ella, a ponto de haver quem não comprehenda nem entime o verso branco; mas trata-se de um simples habito, e, quanto a mim, de um máo habito, que é necessario corrigir em provelto da boa poesia. Ninguem contestará que a rima oppõe difficuldades e embaraços constantes ao desenvolvimento logico e espontaneo do pensamento. Com effeito, ella constitue um jogo de paciencia, um puzzle difficil, um esforço mentalmente inferior que a cada passo desvia o poeta do que ha de elevado nos seus conceitos, e a cada passo, tambem, os deturpa e obscurece. Finalmente, a rima, goradora permanente da periphraza e da tautologia, causa de constantes digressões que conduzem á diffusão e á prolixidade, oppõe-se ás características modernas da expressão, que, sem deixar de ser bella, tem de ser clara, sobria, concisa e rectilinea. A rima, portanto, prejudica a verdadeira poesia; estabeleco difficuldades que afastam do seu culto aquelles que poderiam servir-a; torna a idéa escrava da palavra; incompatibiliza a linguagem do verso com as tendencias do espirito contemporaneo, adverso a toda a constricção e a todo o artificio litterario; — e, por consequente, constitue um factor de decadencia.

Ora, na verdade, todos nós precisamos de convencer-nos de que a rima não é, de forma alguma, indispensavel á poesia. Inumeras obras-primas da poesia universal prescindiram desse recurso, e nem por isso viveram e vivem menos na admiração das gerações. Grandissima parte do theatro italiano, desde a Sofonisba, de Trissino, até á Cena delle beffe, do illustre Sem Benelli, é escripta em versos brancos. Mil-

Eu não sei quem tu és. Mas sei que tu existes,
e sei que és tu que accendes as estrellas lá no Aito,
e o lume da alegria na humildade dos meus olhos tristes.

Eu não te vejo, eu não te falo, sinão no silencio secular
das noites insomnes e profundas, em que meu corpo se apaga,
e minha alma é uma chamma inquieta a crepitar...

Eu te quero e te temo, pávido, esquivo e ansioso... E pela
[vida inteira,
si te fujo, — olhos sem luz para não ver-te, cuvidos surdos,
[para não te ouvir, —
vejo o teu esplendor fulgurar na minha tórpida cegueira,

e ouço o rumo augural dos remos do teu barco, lento e lento
a ferir, com o seu rythmo de Absoluto,
a agua nocturna do meu pensamento.

a b g a r r e n a u l t

ton não rimou o *Paraiso Perdido*; e Pope, perguntando-lhe Voltaire a razão de semelhante facto, consagrou uma verdade indiscutível: "Poomas como o *Paraiso Perdido*, não podem ser rimados". Muitas obras notaveis da literatura portugueza são escriptas em verso solto, desde a Castro, de Antonio Ferreira, até ao *Camões*, de Garrett, desde o *Naufragio de Sepulveda*, de Corte Real, até á *Constança*, de Eugenio de Castro, cujos versos brancos esplendem como prata trabalhada.

As tendencias contemporaneas, que se manifestam pela simplificação das technicas e pela liberdade dos processos, conduzem-nos naturalmente á abolição de todas as formas complicadas e oppressivas. A rima é uma das sobrevivencias da velha poetica, cuja abolição se impõe. Desde que a poesia continúa, sem ella, a ser poesia; desde que, verificadoamente, se conseguem os mais bellos effeltos poeticos sem a laboriosa e ás vezes, desesperadora procura das consonancias symetricas; desde que, comprovadamente, tambem, a rima só se obtem á custa do circumloquio, da perissologia, do hiperbato, muitas vezes da obliquação da idéa inicial, não poucas do desvio total do sentido; desde que o processo mental inferior da rima prejudica, de uma maneira sensivel, o processo mental superior do conceito e da expressão poetica, attingidos na sua concisão, na sua clareza, na perfeita e logica deducção dos seus elementos constructivos; desde que, enfim, estes prejuizos não encontram sufficiente compensação nos effeltos eunhonicos da rima, que, menos do que uma necessidade da poesia, constitue um habito do leitor, — crelo que tudo nos aconselha a não lisonjear este máo habito, restituindo á arte poetica a liberdade de que ella absolutamente carece. dentro, é claro, das indispensaveis exigencias da

medida e do rythmo, sem as quaes a poesia deixaria de ser o quo naturalmente é: a musica das palavras. Já no seculo XVI, Antonio Ferreira o sentia quando proclamou que a rima "ata, damna e estreita a liberdade do verso"; muito melhor o sentimos nós hoje, homens do seculo XX, que não podemos deixar de condemnar a rima como um instrumento de deformação do pensamento poetico, como um collete-de-forças de que é preciso libertar a poesia para que ella possa respirar e viver.

Entretanto — dir-se-á — se a rima é um collete-de-forças, temos de reconhecer que ella é, tambem, uma muleta. De accordo. E' uma muleta que só serve aos côxos do Parnaso. Rimando, os poetas mediocres dão-nos, por vezes, a illusão de que fazem versos; sem a rima, essa illusão seria impossivel, e os versos, destituídos de idéas, de estrutura, de musica, reduzir-se-iam a uma lamentavel serradura de palavras. Simplesmente, não me parece, com franqueza, que haja o mínimo interesse em que os máos poetas continuem a poetar. O que é indispensavel é que os verdadeiros artistas do verso, aquelles que real e incontestavelmente o são, se libertem do embaraço de uma muleta de que não precisam, porque, longe de os socorrer, lhes tolhe os movimentos. A rima — temos de convencer-nos disso — deve ser relegada para o museu das inutilidades incommodas do passado. O verso dos grandes poetas é o verso branco, unico que lhes permite os vãos livres da imaginação e a expressão forte e rectilinea do pensamento. Os versos que nascem immortalmente bellos não precisam de submeter-se aos artificios da assonancia, da consonancia ou da alteração: vivem por si, dos seus proprios recursos, da sublimidade dos seus conceitos, da sua propria belleza esculptural e musical".

h y m n o á a l b a

No silencio e na sombra do meu Sonho impossível,
ansiando pelas Côres e Formas do Dia que promettes,
grito o teu nome!

E ha no meu grito todas as vozes primitivas da Natureza,
todo o clangor metallico de trompas e fanfarras e carros de
guerra,

de espadas e escudos, entrechocados em roda de Heroes,
todo o estrondo e o ribombo das forças brutas em delirio,
todos os cantos e cicios tímidos das aves e das auras,
todos os sussurros e farfalhos das selvas e dos hortos,
toda a harmonia das constellações inacessíveis...

Esse grito, — que, em synthese, é o teu Nome, — sóbe
às frondes das arvores; vence os pincares perdidos nas nu-
vens e, além dellas, o vôo triumphal dos condores; desce ao
fundo dos valles de esmeraldas e dos oceanos remotos; gyra
em volta das ilhas sem nome e dos promontorios de ouro;
vibra ao longo dos rios e dos caminhos colleando em seu
destino de aventuras sem rumo...

Vê! E eu disse o teu Nome, apenas, no silencio e na
sombra do meu Sonho impossível...

n u n e s p e r e i r a

m u s i c a

noemi coelho bittencourt

São Paulo tem sido a terra privile-
giada dos pianistas. A escola de Chia-
farelli deu ao Brasil Magda Tagliaferro,
Antonietta Rudge, Guiomar Novaes, Sou-
za Lima... Essa pleiade representa o
melhor que temos produzido com artis-
tas do teclado, nesta geração. O Rio de
Janeiro, onde regorgitam os pianistas,
muitos dos quaes de grande merito, tem-
se mantido em sensível mediania. Poderia
enfileirar nomes que já são mais do
que promessas.

Mas o que se torna necessario é que
o Rio se aperceba de uma artista de pri-
meira ordem: Noemi Coelho Bittencourt,
e que, bello precedente e signal auspicio-
so, é carioca.

Disse muito bem Itiberê da Cunha,
que, agora, só lhe falta a "consagração
dos dollares", quer dizer, os contractos
no estrangeiro, e o applauso da critica lá
de fóra. E' bem isso!

Os dois notaveis concertos realiza-
dos no Instituto Nacional de Musica, pa-
ra a Associação Brasileira de Musica, a
11 de Novembro do anno passado, e a 20
deste mez de Novembro, affirmaram de-
finitivamente um valor excepcional.

Pondo de lado as paginas curiosas,

as "novidades" que essa artista, com tan-
to *chic*, costuma revelar cada anno, res-
ta, dos dois programmas, esta notavel
contribuição e este enriquecimento de
nossa cultura musical:

Bach — Szántó — 2 Choraes para órgão;
Bach — Baskoff — Concerto em dó
maior;

Bach — Schulhoff — Aria;
Bach — Schulhoff — Gavotte;

Bach — Baskoff — Toccata;
Friedman Bach — Zadora — Concerto;
Buxtehude — Prokofieff — Preludio e
Fuga para órgão;

Scarlatti — Godowsky — Concerto — Al-
legro.

Noemi Coelho Bittencourt enfrentou
com evidente consciencia a responsabili-
dade de interpretar essa selecção magní-
fica de obras eminentes. E o publico,
das duas vezes, comprehendeu, sentiu, e
não se deixou ficar desattento, como fa-
cilmente acontece quando o repertorio
mantem-se com insistencia em regiões de
profundeza e transcendencia.

Ao par de demonstrações de techni-
ca, ou de sensibilidade, a *performance*
de Noemi Coelho Bittencourt foi menos
uma exhibição pianistica do que uma al-
ta festividade da grande Musica e do
grande estylo.

Ouvindo o seu Bach, esquecemos a
technica, e a sensibilidade não se isola
da intelligencia mais estricta e superior.

Nada ali é calculado para o effeito,
nenhuma theatralidade, nenhum perso-
nalismo, mas a grandeza severa, mas in-
timamente humana, da violenta estyliza-
ção da arte mais elevada, que é appare-
ntemente incolor, como a côr branca: syn-
these de todas as côres.

Sem duvida, Noemi Coelho Bitten-
court sabe colorir. Todos os matizamen-
tos sublis da dinamica estão em seu po-
der, como o essencial da technica, do ins-
trumento. A musica é, porém, e exclu-
sivamente, o que sobrenada nas interpre-
tações dessa artista insigne: os fins, e
não os meios, a obra de arte, e não, co-
mo em tantos outros interpretes, os re-
cursos para external-a.

Ao lado da perfeição de Antonietta
Rudge, da graça e do sentido do heroico
de Magda Tagliaferro, da elegancia sen-
sível de Guiomar Novaes, e da lucida vi-
vacidade intelligente de Souza Lima, ha
que considerar, agora, sem temor de jul-
gamento temerario, o grande estylo e a
plasticidade de dialectica de Noemi Coe-
lho Bittencourt.

roberto tavares e sylvinha marques

Esses jovens pianistas realizaram uma
excellente audição a dois pianos, a 13 deste
mez de Novembro, no Instituto Nacional de
Musica, para a Associação Brasileira de Mu-
sica.

Nestes tempos dos Improvisos a dois
pianos, Wiener e Doncet... e tantos mais,
muito pouco ouvimos, aqui, neste genero.
Ha pouco, Dulce de Saules e Dora Bevilac-
qua. Agora Roberto Tavares e Sylvinha Mar-
ques entenderam: apresentarem-se juntos e
fizeram muito bem.

A precisão brilhante de Roberto Tavares
casou-se optimamente á espontanea musica-
lidade e á frescura de sonoridade do tóque de
Sylvinha Marques.

Dahi a genial cinematica, sempre nova e
imprevista, de Domenico Scarlatti, habil-
mente dividida pelos pianos pelos proprios
executantes, ter guardado a sua profundeza
subtil e rapida. Dahi uma bella interpre-
tação da soberba Sonata Concertante, de
Mozart.

Foi sobretudo, porém, na interpretação
do Andante com Variações, de Schumann,
que tivemos um feliz momento de emoção.
Interpretação propria, acertada, intelligen-
te. As aereas filigranas, as ousadias har-
monicas, precursoras das dissonancias mo-
dernas, a gravidade sensível do tom geral,
mas sobretudo a indizível expressividade do
maravilhoso thema do Andante, nóbre como
uma cantilena da Melancolla, tudo isso ouvi-
mos, sentimos, e agradecemos ao joven par
de pianistas.

m u r i c y

o boi jaguané

Ficára assentado que antes de serem começadas as explorações, deveríamos procurar a pedra original, dos dois pedaços que o Chico Mascate nos mostrou, com inscrições.

Providos do necessário para passarmos o dia em trabalhos, descemos o rio na nossa canôa grande. Iamos Cassimiro, Chefe, eu e como tripulantes: Alexandre e Baptista.

A mesma natureza, as mesmas paisagens, em reprodução constante. Até o Sol quentíssimo, era o mesmo a causticar-nos, com seu calor, desde cedo. Assim completamos seis voltas espaçadas de rio e desembarcamos á esquerda, no ponto que devia ser o da indicação do Mascate.

Exaurimos as forças e a paciência, nas diffíceis buscas por ambas as margens, em pura perda, porém. Da primitiva pedra, nem vestígios.

Um pouco tarde já, por esquecidos das horas, partimos rio acima, tão cansados quanto indignados, com o caboclo e com o Chico Mascate, que provavelmente nos dera indicações erradas.

Era inverno, e, naquella mezo sombrio, as sombras também vieram depressa e a pouca claridade que ainda illuminava a atmosphera mostrava-nos, como sempre, o arvoredo em recortes no horizonte e sobre a superficie negra das aguas, no reflexo claro-fosco da abobada, as nossas silhuetas e o vulto da canôa.

— P'ras direita tudo. Nhô Baptista, p'ra livrá desse pau que vem em riba de nós, — gritou o Alexandre.

Não havia mais tempo quasi de desviar a canôa de uma coisa escura, como um tronco de arvore, que vinha sobre ella.

Deu-se então, nessa occasião, um facto bastante interessante: o Alexandre especou o varejão, porém o tronco pareceu vital-o e a canôa continuou a navegar placidamente, agora placidamente por entre ondulações deixadas á superficie, pelo tronco, que se submergia. O Alexandre, sem apoio para o varejão, teria cahido n'agua si eu não o segurasse a tempo.

— E esta! — disse o Chefe de Policia.

— E' boa! — disse eu.

— Se Vocês viram alguma coisa, realmente, deve ter sido algum jacaré monstruoso, ou mesmo algum enorme sucury. Cuidado com alguma surpresa.

— Bem pode sé ua Sucury, mais agaranto que está com tudo jantá, interinho, na barriga. Vinha dormindo e por isso não se pinchô ne nós. Isso é immundicia que come e pode-se dizê que morre, porque garra um somno e ua preguiça de não podê se mexê. Disque nessa mataria, ahí p'ra baixo vorta e meia está se to-pando esse bicho espixado, feito morto, cuma capivara, ou veado no bucho.

Já eram 9 horas quando chegamos ao acampamento.

No dia seguinte, o Cassimiro partiria bem cedo, com sua turma, para a cachoeira do Cobre, afim de verificar a existencia de uma mina de

cobre que diziam existia em suas immediações. O Chefe de Policia subiria o Corumbatahy e devia explorar a margem direita até onde pudesse.

Seu principal objectivo era a descoberta de outra mina de cobre explorada outrora pelos Jesuitas, a descoberta da celebre gruta, onde deviam estar os 12 Apostolos de Jesus, indicados no roteiro do Sr. Chapot, bem assim os fornos de fundição daquella metal.

Eu tinha de fazer uma minuciosa exploração, numa faixa de 600 metros, mais ou menos, marginal ao Corumbatahy, até dois grandes pinheiros plantados, dizem pelos Padres, á margem esquerda, bem na volta feita pelo rio no fim do estirão.

Compunha-se minha turma: do Tomasheck, Antonio Cyrino, Tonico Colasso, Salvador e Izidro, todos bem armados excepto o Thomasheck que só carregava um facão.

A minha e a turma do Chefe, tinham de voltar juntas, por só esta levar canôas, de modo que a primeira que chegasse esperaria pela outra.

Ficariam no acampamento: o Kürsche; o Dr. Craniole ficaria estudando algumas amostras de mineral que acharamos durante a viagem, e o Carlos que não havendo forças que o fizessem pegar numa arma, por esse motivo nada o faria entrar no matto. Ficava tocando gaita, dormindo, contando lorotas ao cozinheiro, seu ajudante, enfim aos camaradas que também por qualquer motivo ficassem.

Tonho Zuon e Manequinho Zuzé negaram-se a entrar nos matos do Villa Rica, peremptoriamente, por serem habitados por bugres brabos, inimigos ferozes dos coroados e que os matavam, para comer e que além disso, um bando de coroados que por lá tinha andado, mostrouse assombrado pela enorme quantidade de tigrés que lá encontraram e que os atacavam e comiam.

E não houve argumentos, promessas ou ameaças que os demovessem desse intento e o Cassimiro foi obrigado a desistir!

Tornara-se praxe, para não irmos nos deltar logo após o jantar, ficarmos sentados em torno do fogo, ouvindo as conversas dos camaradas e fazendo-os, mesmo, contar historias e anedotas, ficando ás vezes até tarde nesse passatempo.

Numa das paradas da conversação, o Baptista aproveitou para perguntar:

— Os Srs. não sentem um mau cheiro, de vez em quando?

Todos tínhamos sentido já.

— E' essa pobre cachorra, a Diana, que está com uma bicheira em baixo do queixo e que é preciso curar.

— E' facil! — disse o Cassimiro; — Seu Chico, vá buscar a calxa de mercurio para curar a caxorra e quem vai fazer esse serviço é Você, seu Izidro...

— Não precisa, Nhô Cassimiro, dadonde, que essas meishna curam mió do que Nhô Cyrino, c'as rezas delle. Mecê mande elle benzê

a cachorra que já é barbaridade de sartão, desparramado por tudo!

— Não tem duvida, elle pode benzer a cachorra, mas sempre é bom, para ajudar, pôr um pouco de mercurio; vá buscar e chame o Cyrino. — disse o Chefe.

— Home, qué vé?... Amode que Vossuncé nã deixa do té rezão! — disse o Chico Gordo — e se o hominho não fosse brabo, desproposito, eu inté le contava um caso assucedido no sitio de Nhô Bino. Elle é bão benzedô, mais...

— Eu nã me offereci p'ra ninguém! Nã toje bobeando! Cabôcro, barbaridade de atôa, Srs.!

— Não precisa embrabecê, Nhô Cyrino. — disse com voz branda o Chico, fingindo respeito; — o que eu maginei logo no boi Jaguané de Nhô Bino...

— Que nã maginasse quarquê coisa de amofiná os ôtro! — disse o Cyrino. — E depois que tem de tramelá! Não seja intremetido!

— Mas que historia é essa, de boi Jaguané? Porque zangar-se?

— Isso é cabôcro tramela da vida aiêta! Era mió que trincasse a lingua cos dente!

— Eu posso contá a coisa p'ra Vossuncessem, mais porém, attendam p'ra mim o hominho que pôde embrabecê de mesmo e me desfeltea! Elle tá me namorando bastante lá da porta da barraca... — disse elle fingindo receio.

O Chico Gordo era, como já disse, um caboclo meão, retaco, forte como um touro e valente como um Cão! O Cyrino, era baixo não muito encorpado, bem menos frote, porém agil, e jogava com muita destreza o facão.

Eram ambos disciplinados e obedientes.

— Vamos lá, Seu Chico, conte-nos essa historia, — disse o Cap. Carlos.

— O compade Bino tinha no sitio delle, rio abaixo, Vossuncessem viram — um pedaço de chão chato, que elle todos os anno passava o arado e prantava mio, feijão, batata doce e ôtros mantimentos que elle aprendeu c'uns lã-mão vizindario delle. O tar arado era um brutão pesado que p'ra puchá era preciso fazê que nem Russo, encordoa almarada, que um ou dois não dava ponto.

Vae Nhô Bino, maginô exprimentá ua junta de carrero e comprô em Guarapuava, dois bichão de novios, p'rail de grande e bonito! Mais hai argum lá em riba, que um christão não pode cô elle e já veio um boi com tangolomango que foi só chegá e estaqueá o côro p'rao prejuizo sé mais pequeno.

Nhô Bino deu o desespero, mais manda quem pode, e elle teve de sahi campeá ôtro nas condição do defunto. Sempre topô cum boi Jaguané, inda malô que o novio que ficô, mais porém já boi criado.

P'ra Nhô Bino, isso de côr e d'idade, já não vinha mais amofiná, que mais aborrecido do que andava, não era possivel! Nhô Bino, o que que-

ria, era que o tar puxasse no arado, que o mais tudo elle orvidava. Mais decerto elle tava devendo bastantinho, p'rao véio lá de riba, que mandô p'relle o Tinhoso na figura de boi!

Ded'a premêra noite, que já foi aquelle desgraço cruê, na roça de mio e feção de Nhô Bino e depois deu de passcá, por as roça do vizindario tudo. Um boi d'aquelle burto, veja quantas táias de mio não comia! E não era mais o mio que comia, que o que derrubava e acamava no chão!

Nhô Bino só fartô ficá demente do juizo! Praga desgraçada! Que menos perjuizo dava no mio que comia e agora inté no que espaiava por o chão, do que o que tinha de pagá p'ro vizindario que tava tudo se aproveitando. E não havia sogá, nem de sedenho, que aguentasse e nem acêro ô cerca que elle não sarvasse por riba ô não levasse nas aspa, ô nos encontro!

Nhô Bino, um dia, sem dizê nada a ninguém, botô Nhô Dito no remo e se tocô rio arriba. Tamem três dia depois quando vortô, vinha do negoço feito do Jaguané, com Nhô Chico Mascate. Mais fazia tamem três dia que o boi tinha se sumido e foi só á noite do quarto dia, depois da chegada de Nhô Bino, que feiz percuração p'ra toda banda, que toparam c'o boi véio, todo enredado, n'um cipó d'espinho e não tinha um parmo de côro que não tivesse um lanho, ô um pontão. Mais tava sartano aos ólo que espinho de cipó não fazia aquelle dano tudo, por o meio haverá de andá algum facção aléio, ô foico!

Mais Nhô Bino não se lastimô e como o boi tava retalado demais, donde havia um gorpe que quage atorô o rabo lá quage em riba e tinha criado uma semeiante bichêra que era vé um inchú, se alembro de chamá Nhô Cyrino, p'ra vim benzê a bichêra e curá as ôtra feridada.

Nhô Cyrino decerto tava ali por roda, o quar se apresentô logo.

— Do certo vô perdê meu boi, Nhô Cyrino! Tá muito lastimado e antãoce aquella bichêra tá de muito má geito! Eu não queria que elle derrubasse o rabo; boi rabão. Mecê sabe, não tem balla!

Nhô Cyrino deu aquellas risada grande e inté se rio bastante, do medo do compade Bino.

— Ora, Nhô Bino! Maginei que fosse coisa mais pió. Inté com perdão da palavra: Vosuncê tá bobeando... Mecê mande as muié fazê na sarmora e derramá por riba dessas firidinha atôa, que a bichêra vô benzê.

Póde chamá Nhô Chico Mascate e fazê o seu negoço que seu boi amanhã tá bão.

Nesse instantinho tava dando O de casa? na porta, de acavallo, Nhô Chico Mascate que vinha fazê percuração do boi Jaguané.

— Meu boi tá tudo lastimado, Nhô Chico. e inté com bichêra, mais Nhô Cyrino disque cura...

— Tá em boas mão. Nhô Cyrino é dotô nessas colsa. Eu fico c'o boi mais Mecê hade fazê um rebate no preço...

— Mois um pôco, menos um pôco, Nhô Chico, não deixêmo de fazê negoço...

Nhô Cyrino, puxô o boi p'rao olhão da casa onde havia um palanque: prendeu elle c'ua guasca, e maudô o negro véio Nhô Dito s'imboira, certo p'ra não aprendê a reza. Premêro, cortô c'a faca a terra em redô dos quatro casco e virô os terrão, c'a terra p'ra riba; depois cortô ua fôia d'ua parma de jarivá, rasgô dois fiapo de páia que ponhô de atravessado na boca e foi p'ra detrais do boi Jaguané.

O hominho, de certo p'ra não amostrá a reza p'ra nós, escoleu um lugá meo apertado, de modos que só pôde garrá ua distancinha pôca e ficô ansim meo annêcho; mais como no dizê delle, sempre dava p'ra benzê, se arrumô ali mesmo, bem confronte da bichêra. Tirô antãoce do beico um fiapo de páia, pegô depois c'ua mão em cada ponta, espichô os braço c'a paia eiticada, bem confronte o inchú da bichêra e deu de falá baixo e ligêro, tempos esquecido.

Ua horinha, meo que entreparô, mais foi um nadinha só e já rompeu firme, na rezarada, ôtra veis; pinchô fóra, p'ratrais, das costa a painha, pegô na ôtra, fechô os ólo, e espichô os braço violento, mais sem medida, que a páia foi de raspão na bichêra.

O Jaguané, que já tava meo cossiquento, c'aquelle hominho fazendo pelotrica atrais delle, deu de se mexê e revirá tudo, pinchando de veis em quando aquelles colce de banda. Nunca ninguém ficô sabendo se foi por o benzimento sé forte de mais, ô se foi por impanzinado das mão de mio que elle tinha comido, barbaridade, nas roça dos vizinho, o que sim, é que deu de sincolé e s'espichá, arcando o lombo d'ra riba e p'ra baixo, c'os ólo vidrado e lingua de fóra e quando senão quando, já se vio Nhô Cyrino, no troitinho, c'as duas mão tapando a cara meo cêgo cabeceando que nem buscapé, rogando cada praga braba, no boi, e inté em nós tudo. NÃO percisa contá o assucedido.

Nhô Bino puchô o chapêu p'ra cara, p'ra não se ri, p'rao home; Nhô Mascate, quage s'ingasgô c'o cigarro que ia ingulindo, c'o fogo e tudo; o preto véio, Nhô Dito, sahiu piscando os óios e mastigando de moê o canno do pito, se pingando tudo de sarro e eu que tava mais perto, tive de intupá a boca c'as duas mão e ansim mesmo a risada espirrava por os vão dos dêdo!

— E o Dr. Cyrino? — perguntei eu.

— Foi se aplinchá n'agua de certo...

— Mas a bicheira cabiu, não? — perguntou o Cassimiro, quando poudê conter o riso.

— Vosuncê vá escultando. Bem de manbásinha inda, já nhô Mascate teve se apeando, n'ôtro dia, na porta de Nhô Bino, hastante interessado no boi Jaguané. Aquella feridada não era nada, de certo inté, já c'a reza do hominho tava tudo sarado.

Nhô Bino era meo letrado em negoços de vendage e ante que Nhô Chico falasse, foi dizendo, ansim como quem qué e não qué: Mais meu boi, Nhô Chico, tá tudo lastimado. Mecê

vio, e decerto... e meo que entre-parô. Mais Nhô Mascate que tava achando bão de mais o negoço, foi atalando mais que depressa: Nhô não, Nhô Bino, o que nós combersemô tá de impé, eu curo o boi. O que sim, é, que se Mecê quizesse rebatê, um nadinha o meno, no ajuste, p'ra comprá meisinha, p'ra cura...

— Ora, mais um pôco, menos um pôco, o que é isso? Ah, um quinhentão... E bradando p'rao negrinho fazedô de rapadura: Nhô Dito! Mecê puxe p'ra nós o boi Jaguané.

Não demorô muito, já teve de vorta o preto véio, mais porém sem o boi.

— Uei! Qu'é isso. Nhô Dito? Amode quem vem sem o boi! Fugio da sóga ainda, esse marvado?

— Nhô não, elle inda tá lá palanqueado.

— Pois antãoce porque não trôxe? Não pôde andá? Tá p'ra morrê?

— Nhô não, o boi inté tá de bão parece, mais é... E olô, meo resabiado, p'ra Nhô Mascate.

— Os bicho da bichêra não cahio tudo?...

— Cahio tudo, Nhô sim, mais porém...

O home véio, meo que se azangô e gritô, já brabo p'rao negrinho:

— Vá buscá o boi... Traga de ua vols!

— Cahio sim, mais é perciso contá p'ra Vosuncê, que o benzimento de Nhô Cyrino, de certo foi muito brabo demais, que o bicharêdo cahio tudo!

— Pois antão, home de Deus! O que era mais perciso?

— Mais é que, de certo, foi perciso, com perdão de Vosuncê, cahio o rabo tamem!...

Nós não se arrebetemo de ri com dó de Nhô Bino, que estristô, e inté trocô de feição!

Nhô Benedicto sahiu em percura do boi e não demorô muito, já appareceu puchando o Jaguané, que vinha c'aquelle passado pesado e balanceado de boi carrêro; a pança parece que inté tava mais inchado, e se tinha parado um brutão despreposito; um mundo de grande! C'aquelle cara lavada, disque se rebolando tudo, c'aquelle toquinho de rabo, p'ra cá, p'ra lá, que nem Nhô Jéca mestre da musica, c'aquelle pausinho na mão.

Nhô Bino tava bichornado d'ua veis, oiando com uma tristura doida o tôco de rabo do boi e oiava p'ra Nhô Chico, e ôtra veis p'ro rabo do boi, inté que de repente pôde dizê:

— Nhô Chico, meu boi pitoqueô!

— De certo, pitoqueô, Nhô Bino! — respondeu Nhô Mascate — e amode que inté tá meo fóra de negoço!

— De certo tá; bamo entrá. Nhô Chico, tô má uns gonpes de chimarrão emquanto fazem um bom cafésinho com mistura.

O que sim é, que quando Nhô Chico Mascate se arretirô p'ra casa já levava nos tento, p'ra comê no jantá, um churrasco gordo e uns miudo do que foi, d'antes, Boi Jaguané...

— Traste sem serventia! Cabôcro atôa! -- ouvimos da barraca do Cyrino.

josé muricy

DISCO

E RÁDIO

para o proximo anno

O radio brasileiro vae apresentar no proximo anno de 1935, novos marcos de progresso, com a inauguração de tres novas estações, das quaes duas pertencentes a empresas jornalísticas. Referimo-nos á do "Jornal do Brasil", á Radio Tupy, d'"O Jornal", aquella com 13 kw. na antena, e, sem duvida, a maior estação do Brasil e á Radio Ipanema.

Além dessas, fala-se igualmente na instalação de uma poderosa estação em Porto Alegre, isto para não falar nas estações já existentes, obrigadas por lei a augmentarem a potencia na antena.

Bôas noticias, como se vê. Mas, isto tudo é pouco para um paiz da importancia do Brasil, ainda na primeira infancia em assumptos de radio.

E tudo isso poderá, tambem nada valer, si os programmas não attingirem um mais alto grau de cultura e de bom gosto.

A impressão real que os nossos programmas causam a qualquer espirito menos superficial é a de que não temos ainda um desenvolvimento intelectual á altura desta maravilha que é o radio. São todos iguaes, com pequenas e honrosas excepções. Tão pequenas e tão raras que passam despercebidas. A base de todos é sempre o disco de musica vulgar ou o de dança.

E' isto que desejamos vêr repellido pelas novas estações em vias de inauguração. O enfado já está dominando os mais antigos radio-ouvintes, sem que os responsaveis pelos programmas irradiados se apercebam do perigo que os ameaça.

Aliás, não é só no nosso paiz que isso se observa: nos Estados Unidos já se nota um novo interesse pelos discos de classe, a ponto de se haver intensificado a produção de radio-phonographos em quasi todas as fabricas de radios. Os adaptadores para disco estão em plena moda.

Esta verdade, aliás, já sentiram os responsaveis pela estação do "Jornal do Brasil", que, segundo estamos informados, pretendem offerecer programmas dignos da nossa cultura e do nosso amor ao progresso.

ALUIZIO ROCHA

sociedades de edições
phonograficas

A fim de vencer a resistencia que a industria phonographica oppõe ás obras de character elevado e de pouca procura pelo grande publico, lançou-se mão do recurso das sociedades editoras privadas para cada autor ou genero de musica interessando apenas um limitado numero de pessoas convidadas previamente a subscreverem uma determinada importancia mensal em troca de um certo numero de discos.

O expediente foi bem acceto e hoje ha talvez, ul.a duzia dessas sociedades, modeladas todas na antiga e famosa National Gramophone Society, de Londres.

Uma das mais recentes na Europa intitula-se Sociedade dos Quartetos de Haydn, que tem a seu serviço o quarteto belga Pró-Arte.

Não deixa de ser interessante indicar a diferença de attitude dos americanos, creando uma sociedade para a gravação de obras de compositores modernos e contemporaneos, cujo ultimo disco contém um trio para flauta, harpa e violoncello, de Wallingford-Riegger, e uma sonatina para violino e piano, de Carlos Chavez.

Wallingford-Riegger nasceu na Georgia em 1855 e é conhecido principalmente pelo seu "Estudo de sonoridade" para dez violinos, estrelado por Stokowsky. Carlos Chavez um dos mais distintos compositores do Mexico, vive actualmente nos Estados Unidos e é um dos dirigentes do movimento renovador da musica americana, circumstancia naturalmente escandalosa para certos espiritos que fazem do jacobinismo o alicerce das suas glorias.

NOVIDADES

Os discos, que indicamos hoje aos nossos leitores, revelam qualidades de gravação dignas de nota. Estão em dia com o aperfeiçoamento da arte e da sciencia da gravação sonora.

Ainda não conseguimos ouvir os discos "Columbia" gravados pelo novo processo, introduzido em Outubro do anno passado e não nos consta que já tenha sido importado algum. Aliás, podemos prevêr que sejam excellentes, pois os da H. M. V. (Victor ingieza), companhia com a qual a Columbia tem permuta de patentes, e que já chegaram em varias remessas para a casa Paul J. Christoph Co., denotam um novo e grande passo para a perfeição.

Mas, expressão maxima da phonographia moderna é, sem duvida alguma, a recentissima edição da "Nona Symphonia", de Beethoven, pela Orchestra de Philadelphia, regida pelo infatigavel Stokowsky, em discos Victor.

ORCHESTRA

SIBILIUS — *Symphonia* n.º 3, em Dó Maior, op. 25. Pela London Symphony Orchestra, regida por Robert Kajanus. *Symphonia* n.º 7 em Dó Maior, op. 105. Pela B. B. C. Symphony Orchestra, regida por Sergi Koussevitsky. Discos H. M. V. D. B. 1980/1988.

O disco teve a virtude de colocar Sibelius, compositor finlandez, entre os primeiros musicos da nossa época. Antes do governo finlandez patrocinar a gravação completa de suas obras, só se conhecia de Sibelius a "Valse

Triste", que inumeras transcrições haviam tornado uma peça popular.

A edição phonographica das suas symphonias e dos seus poemas permittiram descobrir um compositor de grande voo, e hoje elle é um dos preferidos dos palzes anglo-saxões.

Das duas symphonias acima citadas e que compõem um dos albums da "Sociedade Sibelius", agradou-nos mais pela sua inspiração e pela delicadeza da sua expressão a de n.º 3, em dó maior, regida por um maestro patricio do autor — Robert Kajanus.

Gravações muito bôas.

SCHUBERT — *Symphonia Inacabada*. Orchestra Symphonica da Opera Estadual de Berlim, regida pelo Prof. Dr. Franz Schalk. Discos "Odeon" ns. C — 7002/4.

Schubert deixou sete symphonias completas. A oitava comprehende apenas os dois primeiros movimentos. Uma outra symphonia, em ml. foi achada ainda em esboço. Ainda não se conhecem as razões por que Schubert não concluiu esta symphonia. Não é verosimil que a morte haja interrompido o autor no acabamento da obra. Schubert, com effeito, morreu em 1828, e os dois movimentos da symphonia em "si menor" datam de 30 de outubro de 1822. Tinha mesmo começado um minuto em "ré maior", do qual existem nove compassos para orchestra, porém, nunca mais elle recommençou o trabalho interrompido.

O assumpto prestou-se a um enredo cinematographico, tentando explicar os motivos que levaram o musico viennense a não completar a sua obra. Embora pareça pura ficção, o film deu occasião á nova edição deste disco gravado pela orchestra da Opera Estadual de Berlim, sob a direcção brilhante e muito artistica do Prof. Dr. Franz Schalk.

Gravação muito bôa.

GRIEG — *Suite Lyrique*. Op. 54. Orchestra Philharmonica de Londres. Regente: Sir Landon Ronald. Discos "Grammofono" ns. 10.446/7.

Eduardo Grieg, o Chopin scandinavo, (1843-1907) — é sem duvida o maior e o mais popular compositor norueguez. Depois de haver recebido de sua mãe os primeiros rudimentos musicaes, seguiu para Leipzig em cujo Conservatorio estudou com Moscheles, Richter e outros.

O opus 54, dado aqui como suite symphonica, constitue o 5.º caderna das "Pièces Lyriques" para piano a quatro mãos, sendo gravados apenas quatro numeros dos seis que compõem: *O pastor*; *Marcha dos camponeses*; *Nocturno* e *Marcha do pigmeus*, este ultimo de um colorido pitoresco e dellicioso.

A sua vivacidade jocosa e satyrica contrasta profundamente com a poesia e a elevação do *Nocturno*.

VIOLINO

BEETHOVEN — *Romanza em Fá, op. 50*. Para violino e orchestra, por Mischa Elman e orchestra dirigida por L. Collingwood. Disco Grammfono — (Victor) n.º DB — 1847.

Uma das mais bellas paginas que Beethoven escreveu para o violino, a *Romanza em Fá* é uma peça querida dos grandes violinistas e do publico. Mischa Elman, o gran-

de artista que o Rio musical applaudiu sob a mais profunda emoção, está sublime neste disco por todos os titulos magnifico.

CANTO

ROBERTO HAHU — *L'Heure exquise — Si mes vus avient des ailes* — Ninon Vallin, soprano. Disco "Odeon" — n. A-3072.

Deliciosos momentos de emoção proporcionaram estes dois poemas de Verlaine, que Roberto Hahu transformou em pequeninos mimos musicas.

Ninon Vallin a deliciosa cantora de sempre, dá-lhes vida e colorido.

VERDI — *Aida: Celeste Aida e Il Trovatore: Di quella pira*. Tenor Jan Klepura. Disco "Odeon" n. B-3174.

Jan Klepura deve ao cinema sonoro a sua grande popularidade entre nós, embora os discophilos já o apreciassem através as magnificas gravações que tem feito para a "Odeon". Os amantes do bel canto italiano podem mais uma vez aplaudir-o neste disco, nas duas celebres operas de Verdi.

catolicismo e comunismo

Els, no campo fisiologico, uma projecção desse dualismo, dessa dualidade mais alta e mais geral.

O genial Karl Marx aqui como em outros lugares foi unllateral.

Emfim, para um marxista, a superestrutura das sociedades, onde ha varias cousas de que os catolicos fazem questão, como sejam, organização da família, idea de Deus, culto religioso etc., etc... é uma consequencia da infra-estrutura economica. Lamentavelmente unllateraes, afirmam os marxistas: as formas ideologicas são um produto exclusivo da estrutura economica das sociedades. Pois bem, nessas formas ideologicas, especialmente nas religiosas, os marxistas não deveriam bullr.

Deveriam deixa-las morrer de morte natural. Pois qe, mudada a infra estrutura economica, automaticamente essas formulas desapareceriam.

O debate, a luta do partido comunista, deveria ser no mero campo economico. Por uma questão mesmo de sinceridade, dever-se-la procurar libertar economicamente a Sociedade, e deixa-la por si fazer a sua grande experiencia social — politica — e teologica. Nesta fração de super e infra estrutura, deveria ser intento apenas reduzir tudo ao mesmo denominador economico, o que é legitimo e possivel em matematica social.

Mas igualar numeradores é artificial, impossivel, mutilante e deformante da verdade e da variedade biologica e espiritual da Humanidade.

Vamos crear a planicie economica para que sobre ela se levantem as diferenças mentaes e espirituas entre os homens.

Algum comunista mais culto dirá que esse ponto de vista terá sido talvez o de Kautski, do traidor Kautski. Mas que Lenin teria mostrado o seguinte: é preciso destruir tambem as formas juridicas, politicas, religiosas, artisticas ou filosoficas, em resumo, as formulas ideologicas — porque elas tendem a perpetuar a infra-estrutura que as creou.

De acordo até certo ponto. Mas entre essas formulas ideologicas está errado, por exemplo, colocar a existencia do fenomeno religioso. A idea de Deus transcende aos regimens economicos. O capitalismo, numa humanidade velha de 6 mil anos, representa uma crise muito curta. E a idea de Deus,

(conclusão da pagina 2)

essa, é um produto direto da Biologia humana. O casamento monogamico e indissolvel é, como veremos, um imperativo da Biologia humana e que portanto fica fóra daquela fração de super e infra de Marx; e mais, como tambem veremos com surpresa para muito comunista e para muito catolico, o casamento monogamico tem, sentido do

regimen economico comunista mais facilidade de vida e de generalização, que nesse regimen economico moderno, da America do Norte ou da Alemanha, onde as dificuldades economicas e a miragem do luxo facilitam singularmente o celibato e a prostituição. Mas correspondesse o casamento, apesar de tudo o que nele há de negativo, a uma exigencia da psicologia humana, e ninguem se casaria, nesse confuso momento economico que o mundo atravessa.

fernando carneiro

meia hora com itiberê da cunha

(conclusão da pagina 8)

rismo, e os autores novos: Ivan Gilkin, Maeterlinck, Verlaine, Baudelaire, Gustavo Kalu, Sár Péladan... Foi um momento curioso este, no Paraná! Formou-se ali, um movimento renovador muito vivo, com Dario Vellozo, Silvio Netto, Emiliano e Julio Pernotta, ainda outros. Saliu a excellente revista "O Cenaculo" (de que ha uma colecção na Bibliotheca Nacional).

Collaborei nella, porém não me limitei a isso, e consegui que alguns poetas belgas tambem collaborassem, sobretudo Ivan Gilkin.

— Esse o periodo exotico de minha vida literaria. Depois disso, a diplomacia arrastou-me ao Paraguay, depois fugi á carreira. Metti-me no jornalismo... de que não mais sahi. Trabalhei na "A Imprensa", de Ruy Barbosa, e na "L'Etoile du Sud". Faço parte do "Correio da Manhã", onde sou o decano, desde a sua fundação, para elle levado pelo meu nobre companheiro da "A Imprensa", Edmundo Bittencourt.

...Desde então, como literatura, tenho feito... musica!

...E hoje faço por esquecer o francez...

João Itiberê leva-me á sala de musica, a ouvir a sua ultima composição: um "Choral", para orchestra, inspirado no Cantic do Christo do Corcovado, de Tasso da Silveira.

É um pianista preciso; o "Choral", de grandes linhas, fortes, sobrias; mas um desenho pastoral perpassa. É tudo claro, tudo nitido. Nada das "nevoas de Bruges".

Nenhum mysterio, tambem, na figura fina e moça do compositor, rosado e sorridente sob os cabellos inteiramente brancos, o bigode branco sublinhando a alogria authentica e a serenidade da alma. Em meio do "tumulto endiabrado", Itiberê da Cunha mantem-se "lucido", sem aquelles desmoronamentos interiores que dão á physionomia duma Georgette Leblanc um rictus tragico. Esse companheiro de Maeterlinck, essa testemunha directa, do movimento symbolista belga, e que no do Brasil, sempre fugiu ao obscuro, é um latino de educação e de tendencia. Latino como a arte tão italiana, nitida, gracil, de Mozart, que desde os cinco annos elle toca e adora. Ainda assim, não ha fugir á influencia da grande paixão da mocidade, e si esse latino tivesse de decidir por uma admiração definitiva, talvez o fizesse pela de Wagner, e das suas altas brumas nordicas.

m u r i c y



